

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

- Processo histórico de formalização das linguagens da Arquitectura

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

- Processo histórico de formalização das linguagens da Arquitectura
- História da Teoria da Arquitectura como a história dos avanços da teoria das linguagens arquitectónicas

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

- Processo histórico de formalização das linguagens da Arquitectura
- História da Teoria da Arquitectura como a história dos avanços da teoria das linguagens arquitectónicas
- Pontos que considero estratégicos nos conflitos ideológicos da Arquitectura no sec.XX

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

- Processo histórico de formalização das linguagens da Arquitectura
- História da Teoria da Arquitectura como a história dos avanços da teoria das linguagens arquitectónicas
- Pontos que considero estratégicos nos conflitos ideológicos da Arquitectura no sec.XX
- Usos potenciais da formalização das linguagens arquitectónicas

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“É, pois, a tragédia imitação (mimesis) de uma acção de carácter elevado, completa e de certa extensão (...), não por narrativa, mas mediante actores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação (katarsis) dessas emoções”

“Porém, o elemento mais importante é a trama dos factos, pois a tragédia não é imitação de homens, mas de acções e de vida, de felicidade e infelicidade (...), e a própria finalidade da vida é uma acção, não uma qualidade. (...) Daqui se segue que, na tragédia, não agem as personagens para imitar caracteres, mas assumem caracteres para efectuar certas acções; por isso, as acções e o mito constituem a finalidade da tragédia”

“não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (...) – diferem, sim, em que um diz as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta, o particular.”

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“Ao fazer juízos sobre a beleza, não se segue o mero gosto, mas o trabalho de uma faculdade de raciocinar que é inerente à mente. (...) Porque no coração da forma e figura de um edifício reside uma qualquer excelência e perfeição natural que excita a mente e é por ela imediatamente reconhecida. (...) qualquer corpo é inteiramente composto de partes que são fixas e individuais; se estas são retiradas, aumentadas, reduzidas, ou alteradas para um lugar inapropriado, a própria composição que dá ao corpo a sua elegante aparência estará destruída. (...) os três componentes principais de toda a teoria em que estamos a inquirir são o número (*numerus*), aquilo a que podíamos chamar delimitação (*finitio*), e posição (*colocatio*). Mas nascendo da composição e ligação destes está uma maior qualidade na qual a beleza brilha em toda a sua glória: o nosso termo para ela é *concinnitas*; que dizemos ser provida de toda a graça e esplendor. É a tarefa e objectivo da *concinnitas* compor partes que são bem separadas umas das outras pela sua natureza, de acordo com uma qualquer regra precisa, de maneira a que correspondam mutuamente em aparência. (...) Nem na totalidade do corpo nem nas suas partes a *concinnitas* floresce tanto como na própria Natureza; por isso eu poderia chamar-lhe a esposa da alma e da razão. (...) ela percorre toda a vida e governo do Homem, ela molda toda a Natureza. Tudo o que a Natureza produz é regulado pela lei da *concinnitas*, e a sua principal preocupação é que o que quer que produza seja absolutamente perfeito. Sem *concinnitas* isto dificilmente poderia ser atingido, pois a simpatia crítica das partes estaria perdida. (...) A beleza é uma forma de simpatia e consonância das partes dentro de um corpo, de acordo com o número, a delimitação, e a posição, como ordenadas pela *concinnitas*, a absoluta e fundamental regra da Natureza. Este é o objecto fundamental da arte de construir, e a fonte da sua dignidade, atractividade, autoridade, e valor.”

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“Contra as belezas que eu classifico de positivas e convincentes, estabeleço aquelas a que chamo arbitrárias, porque são determinadas pelo nosso desejo de dar uma forma e proporção específicas a coisas que bem podiam ter outra forma sem parecerem disformes e que são agradáveis não por razões perceptíveis a qualquer um mas apenas pelo costume e a associação que a mente faz entre duas coisas de natureza diferente. Por esta associação a mente, que é inclinada a estimar coisas cujo valor é conhecido, é também inclinada a estimar coisas cujo valor não conhece e pouco a pouco é induzida a valorizar igualmente as duas. Este princípio é a base natural da fé, que não é mais que o resultado da predisposição de não duvidar da verdade de algo que não conhecemos se for acompanhada pelo nosso conhecimento e boa opinião da pessoa que no-la transmite. É também a ideia preconcebida que nos faz gostar das modas e das maneiras de falar que o costume estabeleceu na corte, já que a opinião que temos do valor e protecção das pessoas da corte faz-nos apreciar as suas roupas e a sua maneira de falar, apesar destas coisas não terem em si mesmas nada de positivamente apreciável, já que após um certo tempo nos ofendem sem que tenham passado por nenhuma alteração própria.

É o mesmo na arquitectura, onde há coisas como a proporção típica entre capitéis e suas colunas que o costume apenas torna tão agradáveis que não podemos suportar que fossem de outra maneira, apesar de não terem em si mesmos nenhuma beleza que nos tenha de agradar infalivelmente ou obter necessariamente a nossa aprovação.”

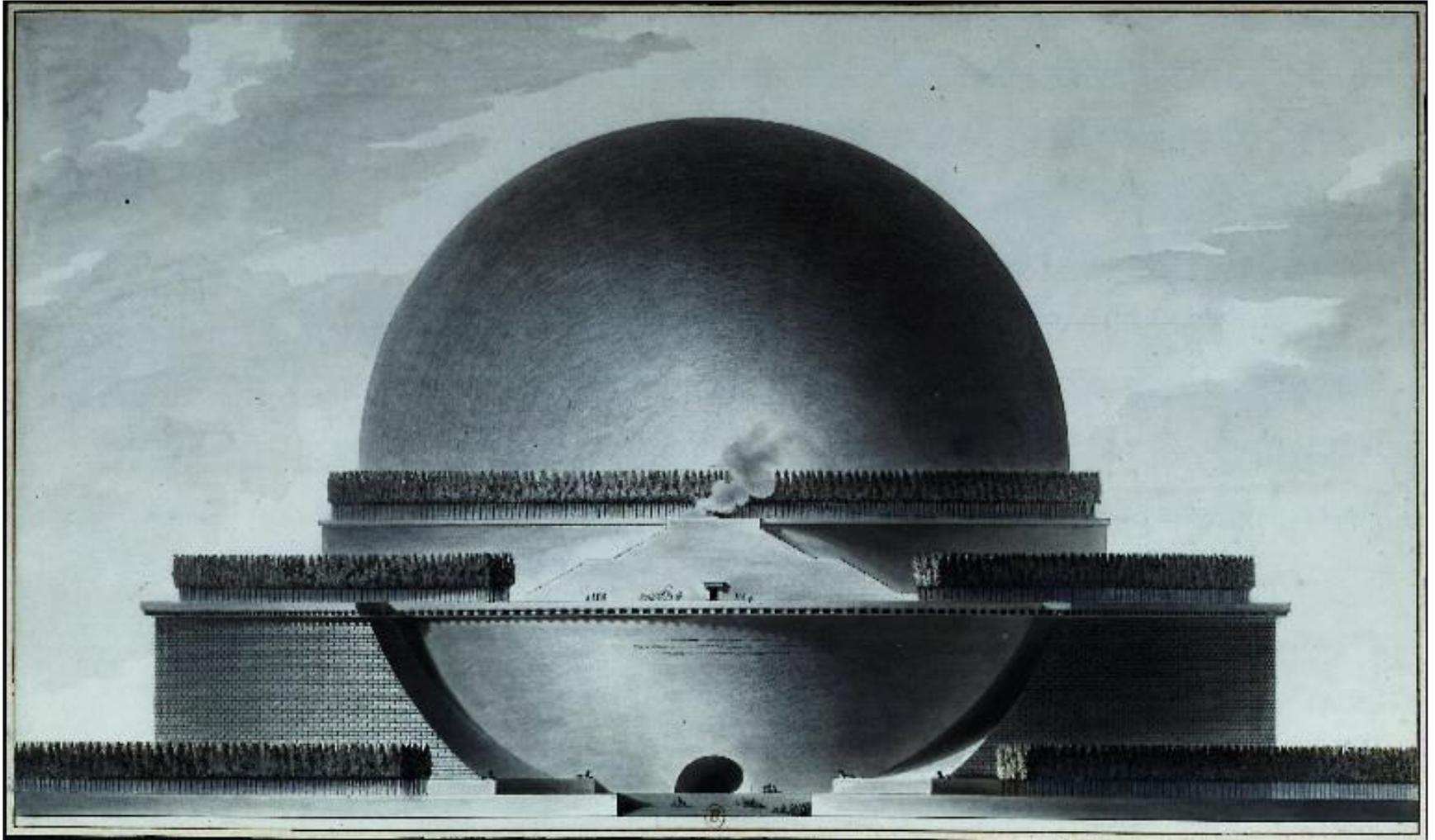
“As primeiras obras de arquitectura manifestavam riqueza de materiais; grandeza, opulência, e precisão de execução; simetria (...), bom senso nos pontos em que é necessário, e outras razões óbvias para a beleza. Como resultado, estas obras pareceram-nos tão belas e foram tão admiradas que as pessoas decidiam que deviam servir de critério para todas as outras. E na medida em que acharam impossível acrescentar ou alterar algo em todas estas belezas positivas sem diminuir a beleza do todo, acharam inimaginável que as proporções destas obras pudessem ser alteradas sem resultados nefastos; quando, elas podiam, de facto, ter sido outras sem prejuízo para as outras belezas. Da mesma forma, quando uma pessoa ama apaixonadamente uma face cuja beleza perfeita reside exclusivamente na compleição, ela acredita também que a sua proporção não pode ser melhorada, já que como a grande beleza de uma parte a faz amar o todo, também o amor ao todo implica um amor a todas as suas partes.

É desta forma verdade que em arquitectura existe uma beleza positiva e uma beleza que é apenas arbitrária, apesar de parecer positiva devido a ideais preconcebidas, contra as quais uma pessoa tem grande dificuldade em defender-se.”

Claude Perrault, “Ordonnance for the five kinds of columns after the method of the ancients”, tradução para Inglês de Indra Kagis McEwen, Getty Center Publications, Universidade de Chicago, EUA, 1993

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“A arquitectura é uma arte fantástica e de pura invenção, ou os princípios constitutivos desta arte emanam da Natureza? Antes de mais, seja-me permitido contestar simplesmente que existe uma arte de pura invenção. Se pelas forças do espírito e pelos meios de onde emana uma arte, o Homem pudesse estimular na nossa alma as sensações que experimentamos ao ver os objectos da Natureza, tal arte seria muito superior à que exercemos, já que esta se limita a uma imitação mais ou menos imperfeita. Mas não existe esta arte com a qual nos bastaríamos a nós mesmos e cuja existência anunciaria que a divindade, autora da Natureza, nos havia dotado de uma qualidade que é parte da sua essência. Que entendia pois Perrault por uma arte de pura invenção? Acaso as nossas ideias nos vêm de mais algum lado além da Natureza? E não defendemos, por acaso, que o génio se constata ao trazê-la aos nossos sentidos com toda a energia possível?”

(...) Todos estes jogos da imaginação provam o seu alheamento da realidade. Que é que vemos neste tipo de produções? Os objectos da Natureza exagerados ou desfigurados, mas sempre objectos da Natureza. Pode isto dar lugar ao estabelecimento da possibilidade de uma arte de pura invenção?

(...) Escutemos um filósofo moderno: «Todas as nossas ideias, todas as nossas percepções – nos diz – não nos chegam mais que por meio dos objectos exteriores. Estes objectos levam a cabo sobre nós diferentes impressões em função da maior ou menor analogia que têm com a nossa organização social». Acrescento que classificamos de «belos» os objectos que têm maior analogia com a nossa organização e que rechaçamos aqueles que são desprovidos de tal analogia e não convêm à nossa maneira de ser.”

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“A arquitectura é uma arte fantástica e de pura invenção, ou os princípios constitutivos desta arte emanam da Natureza? Antes de mais, seja-me permitido contestar simplesmente que existe uma arte de pura invenção. Se pelas forças do espírito e pelos meios de onde emana uma arte, o Homem pudesse estimular na nossa alma as sensações que experimentamos ao ver os objectos da Natureza, tal arte seria muito superior à que exercemos, já que esta se limita a uma imitação mais ou menos imperfeita. Mas não existe esta arte com a qual nos bastaríamos a nós mesmos e cuja existência anunciaria que a divindade, autora da Natureza, nos havia dotado de uma qualidade que é parte da sua essência. Que entendia pois Perrault por uma arte de pura invenção? Acaso as nossas ideias nos vêm de mais algum lado além da Natureza? E não defendemos, por acaso, que o génio se constata ao trazê-la aos nossos sentidos com toda a energia possível?”

(...) Todos estes jogos da imaginação provam o seu alheamento da realidade. Que é que vemos neste tipo de produções? Os objectos da Natureza exagerados ou desfigurados, mas sempre objectos da Natureza. Pode isto dar lugar ao estabelecimento da possibilidade de uma arte de pura invenção?

(...) Escutemos um filósofo moderno: «Todas as nossas ideias, todas as nossas percepções – nos diz – não nos chegam mais que por meio dos objectos exteriores. Estes objectos levam a cabo sobre nós diferentes impressões em função da maior ou menor analogia que têm com a nossa organização social». Acrescento que classificamos de «belos» os objectos que têm maior analogia com a nossa organização e que rechaçamos aqueles que são desprovidos de tal analogia e não convêm à nossa maneira de ser.”

“Sendo que a Arquitectura é a única arte pelo meio da qual se pode manejar a Natureza, esta singular qualidade determina a sua magnificência. Os meios de dominar a Natureza que pertencem à Arquitectura tornam possível, em certos casos, o que a Poesia não pode mais que descrever.”

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Linguagem, Mensagem, Matéria

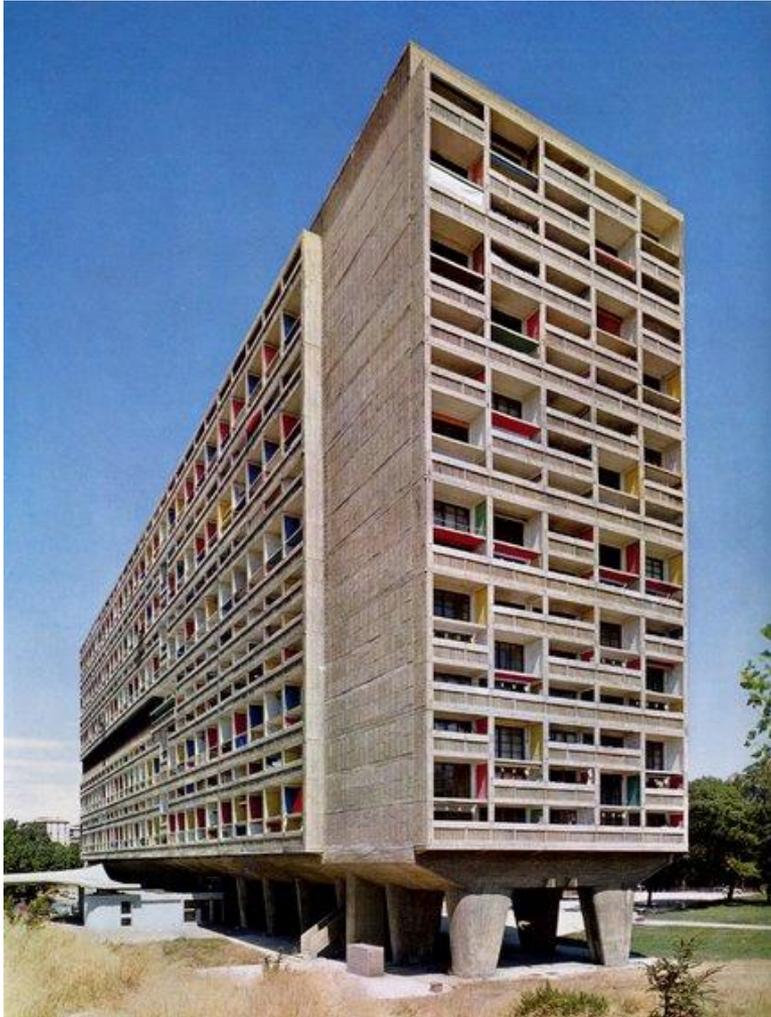
A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“Ornamento é força de trabalho desperdiçada e por isso saúde desperdiçada. Assim foi sempre. Hoje significa, além disso, material desperdiçado e ambas as coisas significam capital desperdiçado.”

“Dizem (os ornamentistas): «Preferimos o consumidor que tem um mobiliário que, passados dez anos, lhe é intolerável, e que, por isso, se vê obrigado a adquirir móveis novos cada década, ao que compra objectos só quando tem de substituir os gastos. A indústria disso necessita. Milhões de homens têm trabalho graças à troca rápida.”

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“Mas o sentido da planta tem sido perdido nos últimos cem anos. Os grandes problemas de amanhã, ditados por necessidades colectivas, baseados em estatísticas e apercebidos através de cálculo matemático, mais uma vez reavivam o problema da planta.”

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“O artista tem de descer das alturas nebulosas do Olimpo para o duro mundo real, aproximando-se do artesão, que enfrenta sempre problemas distintos e claramente definidos. Da máquina, o verdadeiro artista vai reaprender a arte de articular a sua concepção em elementos separados, unindo-os uns aos outros de acordo com as leis da necessidade, e encontrando uma forma que lhes corresponda com exactidão. Em vez de impulsos fortuitos e impressionistas, o artista terá de desenvolver uma capacidade de lidar com as suas aspirações e de as reforçar nos limites do que é possível para cada território da Arte e para cada material – uma capacidade de encontrar os limites exactos da sua concepção. Em todos estes esforços de trazer o trabalho criativo de falsas e grandiloquentes alturas para o domínio das sensatas leis da organização jaz a promessa desta vigorosa força. A sua convergência com as monótonas manifestações da vida quotidiana, a sua normalidade, representa a verdadeira realidade da Arte, aquela concretidão da sua linguagem formal...”

“O sistema construtivo torna-se um verdadeiro espectáculo para nós, um em que o olhar nunca pára de seguir o resultado da sua luta. A construção, como tal, transcende-se a si própria; as forças construtivas associadas às experiências do mundo interior ao Homem criam um mundo formal orgânico, tornando-o um fenómeno familiar e intimamente perceptível; a analogia com as leis estáticas e dinâmicas do universo transformam este mundo orgânico num mundo de formas exteriores, um mundo frequentemente igual em energia e impacto às poderosas forças da Natureza. Assim, o sistema construtivo, em virtude da nossa experiência sensorial e das características psicofisiológicas do ser humano, dá origem a um outro sistema, um que é auto-suficiente e ao mesmo tempo tem origem e está dependente da construção dum mundo formal – ou, melhor dizendo, um sistema estético. Para mais, neste paradigma que examinamos, os dois sistemas coincidem completamente. O mesmo elemento é simultaneamente um elemento utilitário da construção e um elemento formal estético.”

“Ao lidar com o lado prosaico da vida, ao aproximar-se do mestre artesão e do construtor, o arquitecto tem de inevitavelmente ser infectado pelo seu método de trabalho. Ele, como os outros, vai definir como seu objectivo não a livre fantasia de um artifício desligado, mas a solução clara de um problema em que figuram certos dados e certas incógnitas. O arquitecto vai então sentir-se não um decorador da vida, mas o seu organizador.”

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“A arquitectura da União Soviética desenvolve-se como socialista de conteúdo e nacional quanto à sua forma. Isto significa que o conteúdo da arquitectura da união soviética é único enquanto que as formas são múltiplas e inseparáveis das particularidades, da psicologia, das concepções estéticas e das tradições do povo.

Reconhecemos a cada nação, por muito pequena que seja, o direito de desenvolver a sua cultura nacional, de forma a que os ideais de toda a humanidade recebem a sua expressão de forma nacional.

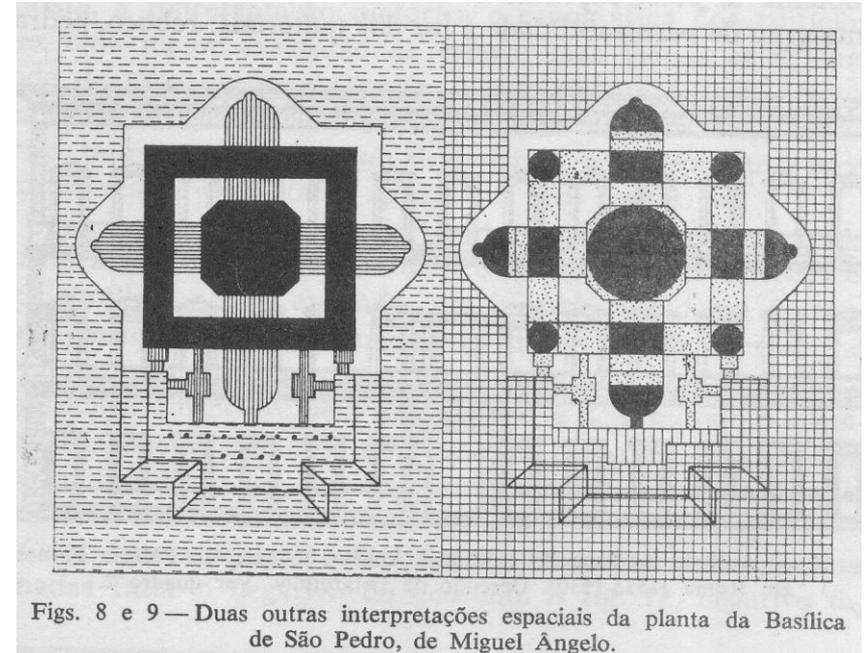
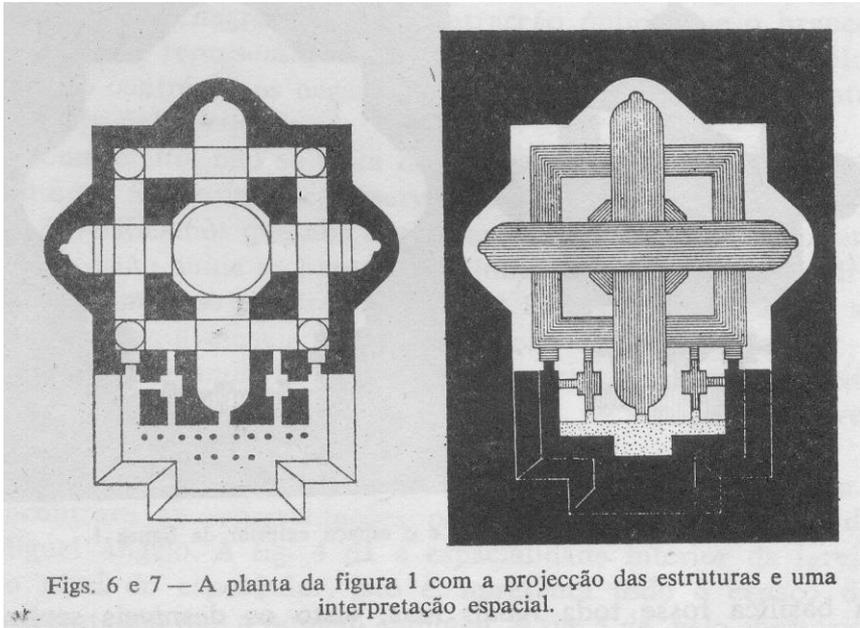
Houve um tempo em que o construtivismo e o funcionalismo lançaram os slogans de uma arquitectura cosmopolita, sem qualquer carácter nacional. Estas tendências tiveram por efeito despersonalizar a arquitectura mundial, empobrecendo-a. É por isso que foram rejeitadas.”

“A evolução da arquitectura soviética vem mostrar como um retorno crítico às tradições é fecundo.”

“De forma que nas melhores obras dos arquitectos soviéticos, altamente estimadas pelo povo, o uso racional da herança clássica não constitui um fim em si, mas serve para criar imagens artísticas absolutamente novas, que traduzem as ideias mestras da época socialista.”

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“Enquanto a segunda classificação de complexidade e contradição em arquitectura se relaciona com forma e conteúdo como manifestações de programa e estrutura, a primeira diz respeito ao meio de expressão e se refere a um paradoxo inerente à percepção e ao próprio processo de significado em arte: a complexidade e a contradição que resultam da justaposição do que uma imagem é e do que parece ser. Joseph Albers chama à «discrepância entre facto físico e facto psíquico» uma contradição que é «a origem da arte».”

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“Não existe maneira de separar a forma do significado; uma coisa não pode existir sem a outra. O que pode haver são apenas diferentes avaliações críticas dos principais métodos mediante os quais a forma transmite significado ao espectador: por meio da empatia, disse o século XIX, ela o corporifica; por meio do reconhecimento de sinais, dizem os linguistas, ela o veicula. Os dois concordariam em que o agente operante pertinente nesse processo do cérebro humano é a memória: tanto a empatia quanto a identificação de sinais são respostas aprendidas, o resultado de experiências culturais específicas.”

Linguagem, Mensagem, Matéria

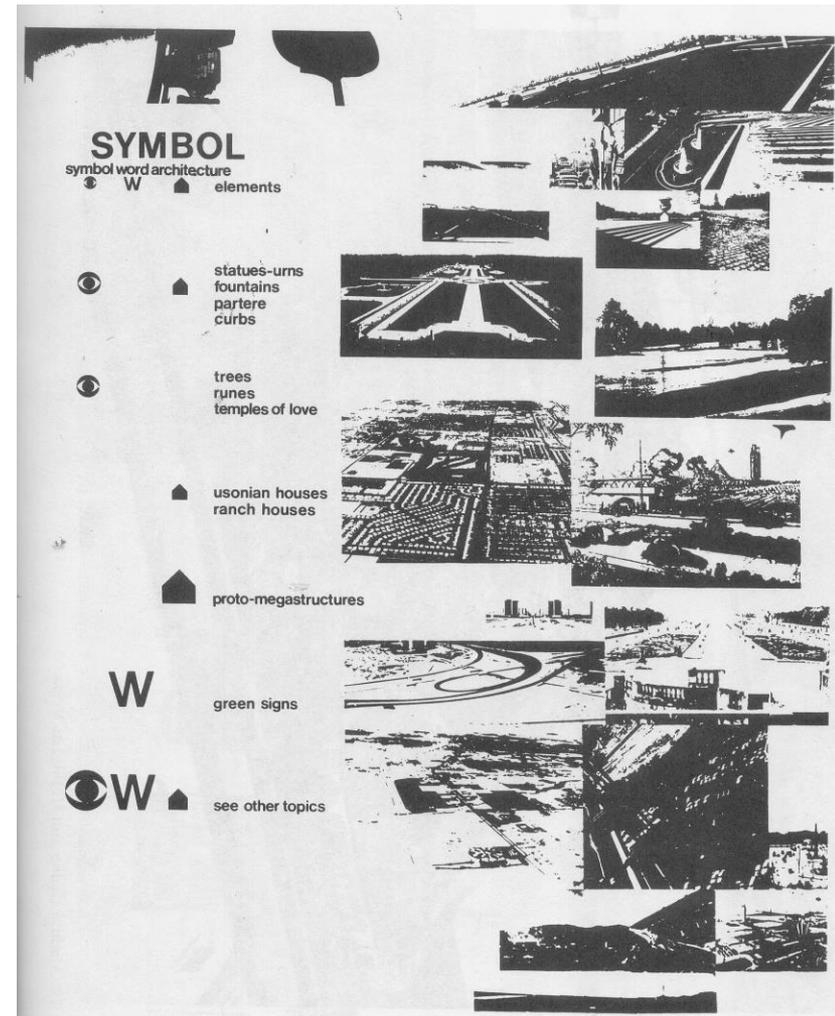
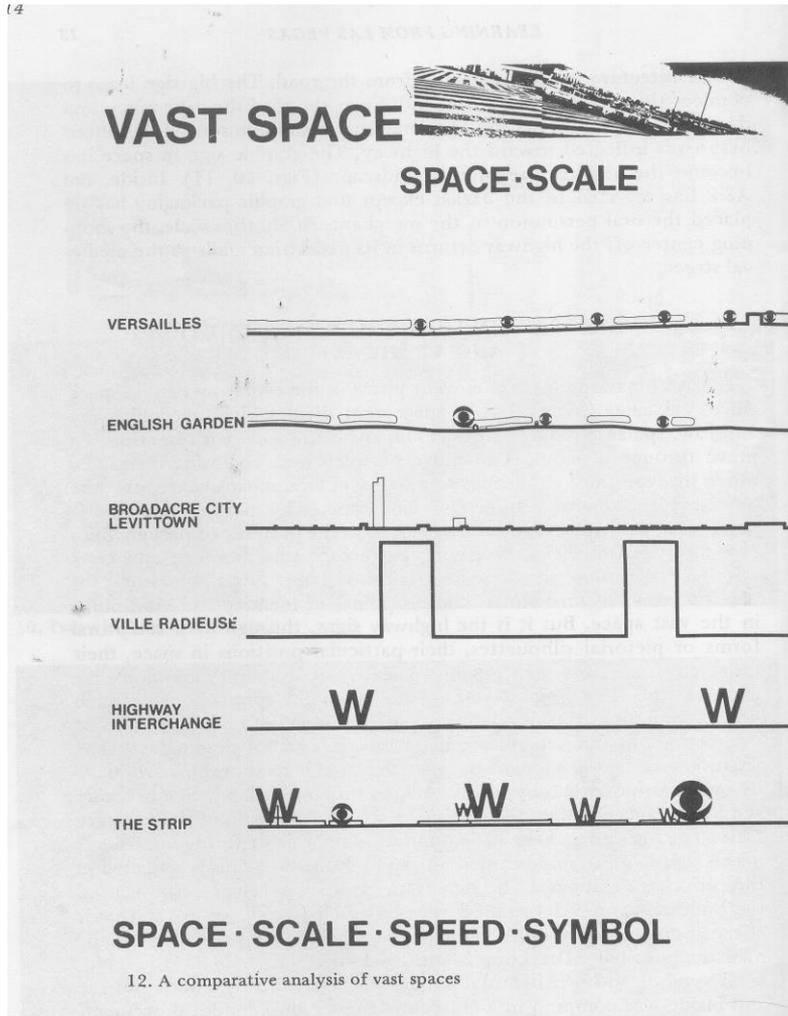
A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“Mas existe convenção em arquitectura, e a convenção pode ser outra manifestação de uma ordem exageradamente forte e de âmbito mais geral. Um arquitecto deve gerar a convenção e insuflar-lhe brilho e vivacidade. Quero dizer com isso que ele deve usar a convenção de uma maneira não convencional.”

“O principal trabalho do arquitecto é a organização de um todo único através de partes convencionais e a judiciosa introdução de novas partes quando as antigas não bastarem. A psicologia da Gestalt afirma que o contexto contribui para o significado de uma parte e a mudança no contexto causa mudança no significado. Assim, o arquitecto, através da organização das partes, cria-lhes contextos significativos dentro do todo. Através da organização não convencional de partes convencionais, ele está apto a criar novos significados dentro do todo. Se ele usa a convenção de um modo não convencional, se organiza as coisas familiares de um modo não familiar, está mudando seus respectivos contextos e pode até usar o cliché para obter um novo efeito. As coisas familiares vistas num contexto não familiar tornam-se perceptivamente novas, assim como perceptivamente velhas.”

Linguagem, Mensagem, Matéria

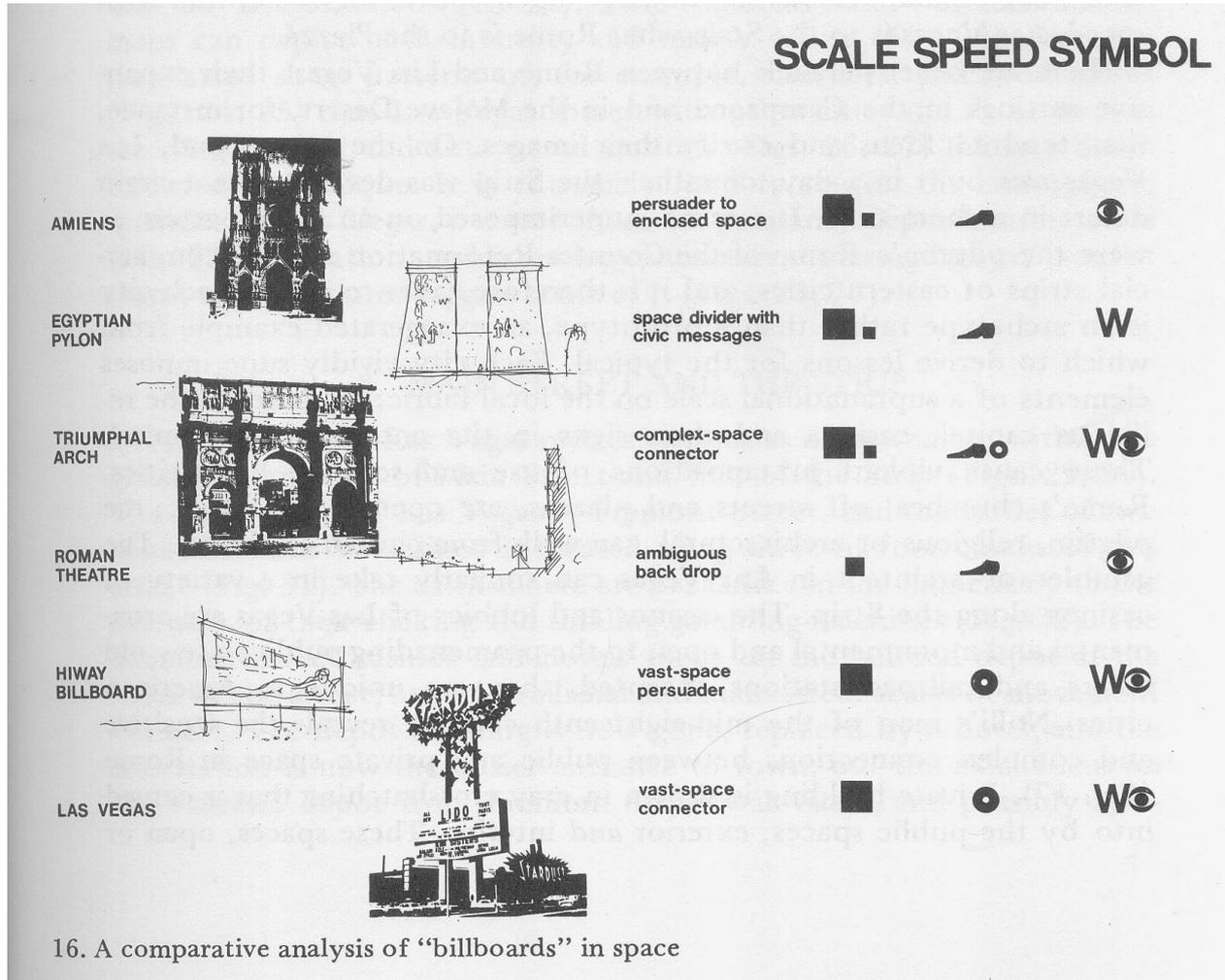
A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Robert Venturi, "Learning from Las Vegas", The MIT Press, Cambridge e Londres, 1977

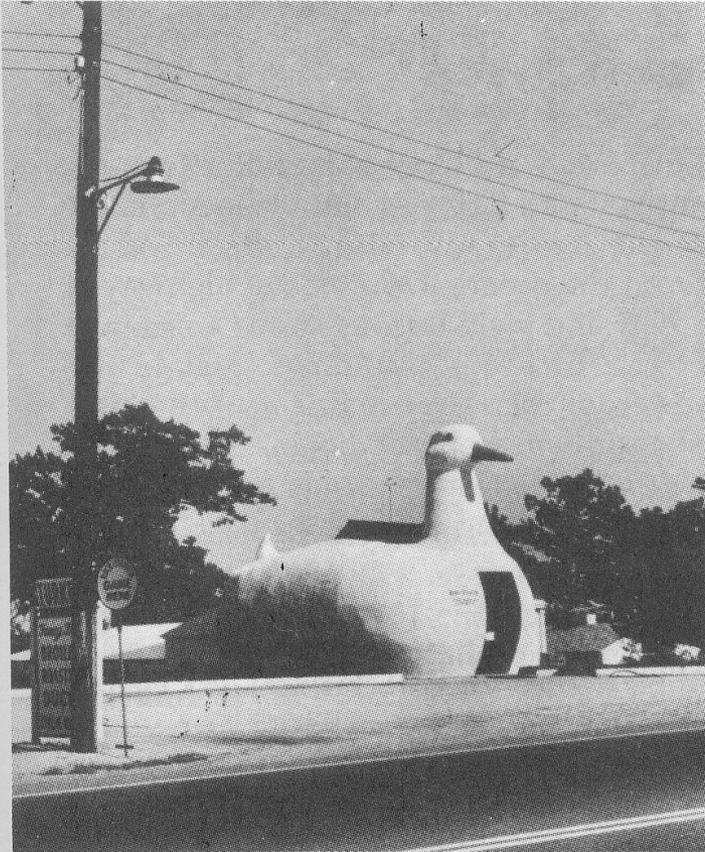
Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

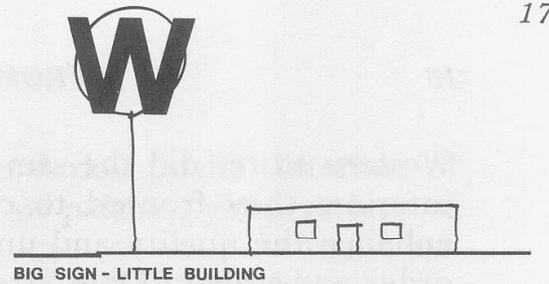


Linguagem, Mensagem, Matéria

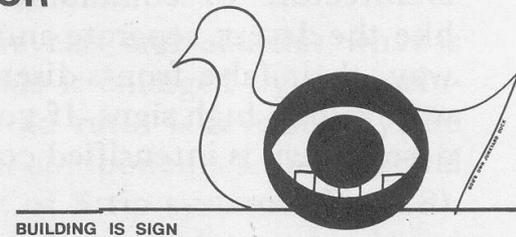
A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



14. "The Long Island Duckling" from
God's Own Junkyard



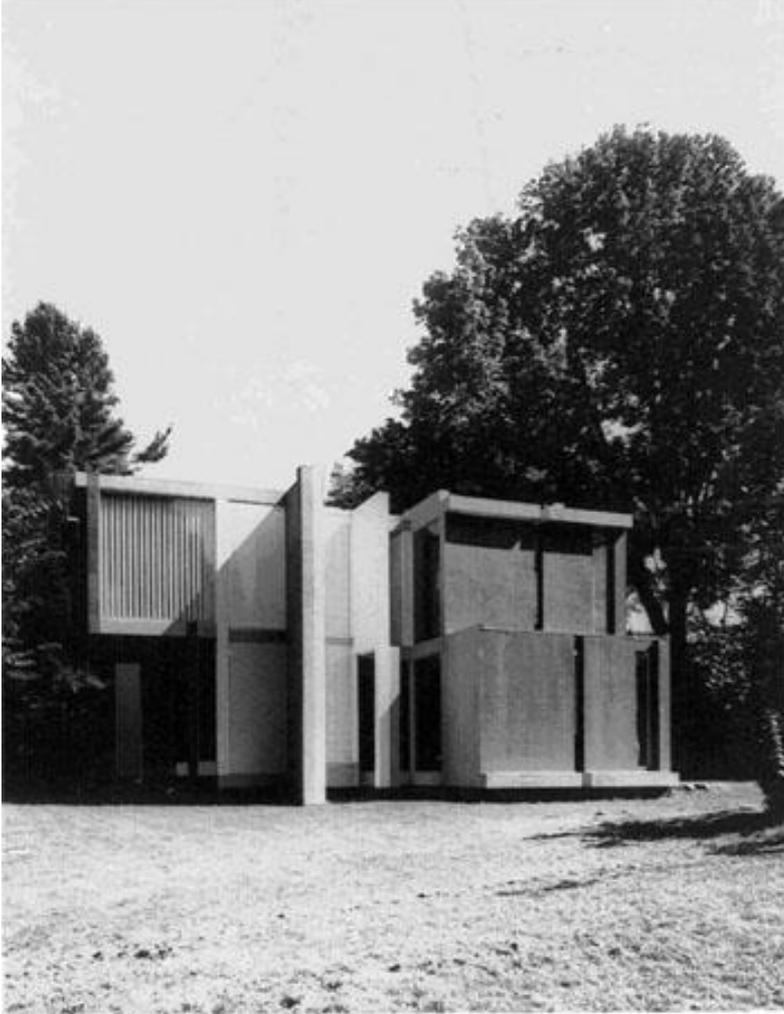
OR



15. Big sign-little building or building
as sign

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“Se analisarmos a natureza do significado em qualquer contexto específico compreendemos que ele tem dois aspectos. O primeiro é significado, que é iconográfico e simbólico e deriva da relação da forma a uma qualquer referência que lhe é externa. (...) Mas sob esse nível de significado existe um segundo aspecto, que é por si uma fonte potencial de informação, e que condiciona qualquer interpretação iconográfica; é forma derivada, e é de certo modo inerente a, a estrutura da forma. (...) Esta informação pode ser vista como um produto da estrutura interna da própria forma. (...) O ambiente físico pode assim ser visto não apenas nas suas dimensões funcional e iconográfica mas também na sua dimensão formal – como gerada por uma série de regularidades formais abstractas que podem ser descritas como a estrutura profunda.”

Linguagem, Mensagem, Matéria

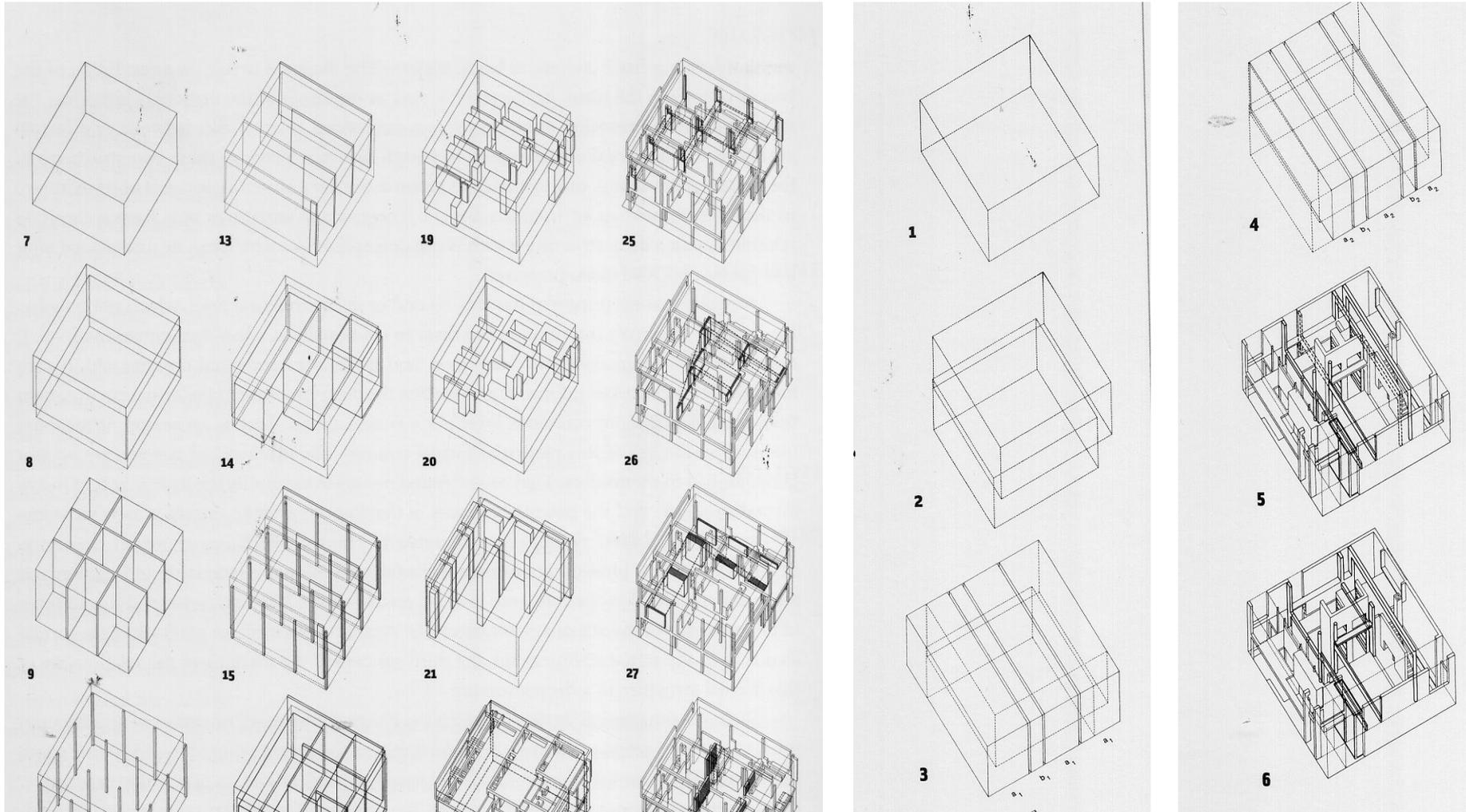
A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

“Se analisarmos a natureza do significado em qualquer contexto específico compreendemos que ele tem dois aspectos. O primeiro é significado, que é iconográfico e simbólico e deriva da relação da forma a uma qualquer referência que lhe é externa. (...) Mas sob esse nível de significado existe um segundo aspecto, que é por si uma fonte potencial de informação, e que condiciona qualquer interpretação iconográfica; é forma derivada, e é de certo modo inerente a, a estrutura da forma. (...) Esta informação pode ser vista como um produto da estrutura interna da própria forma. (...) O ambiente físico pode assim ser visto não apenas nas suas dimensões funcional e iconográfica mas também na sua dimensão formal – como gerada por uma série de regularidades formais abstractas que podem ser descritas como a estrutura profunda.”

“De modo a forçar este redireccionamento na House I, a estrutura formal foi de certo modo sobrecarregada ou sobrearticulada de forma a que se tornasse um aspecto dominante do edifício. Uma forma de sobrecarregar esta estrutura foi sugerir duas estruturas simultâneas que se sobrepõem e interagem. Isto foi baseado numa simples combinação de dois pares de referências formais: planos e volumes por um lado, relações frontais e oblíquas por outro.”

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



Peter Eisenman, "Cardboard Architecture", em Peter Eisenman, "Eisenman Inside Out – selected writings 1963-1988", Yale University Press, New Haven and London, 2004

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitetura e o uso social da formalização linguística

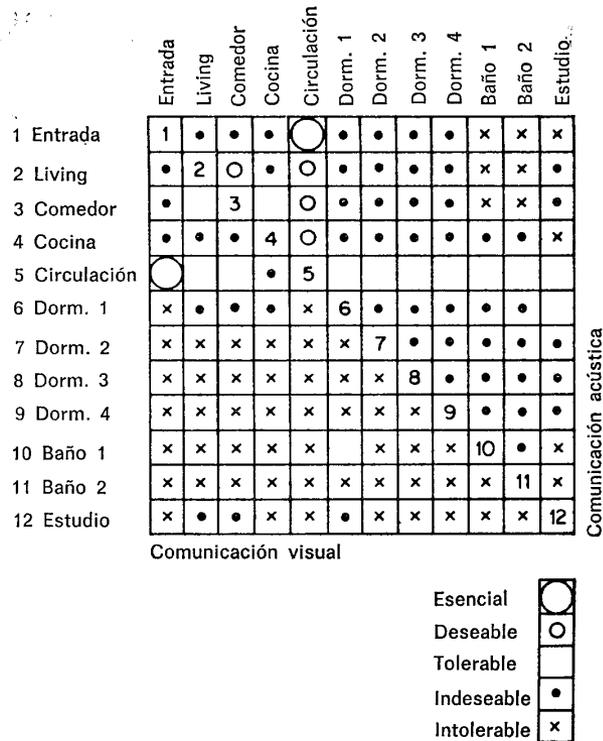


Figura 13.5. La configuración de los vínculos *funcionales* dentro de ciertos tipos de edificios, como las casas, es a menudo tan compleja que el diagrama de conexiones basado en ellos, como el de la figura 13.4, resulta demasiado complicado para utilizarlo en la práctica. En tales casos es preferible preparar un mapa que muestre la compatibilidad *ambiental*, donde se indique el grado en que puede ser deseable o indeseable ver y/u oír entre una habitación y otra. El sistema de codificación usado aquí permite una inmediata inspección visual.

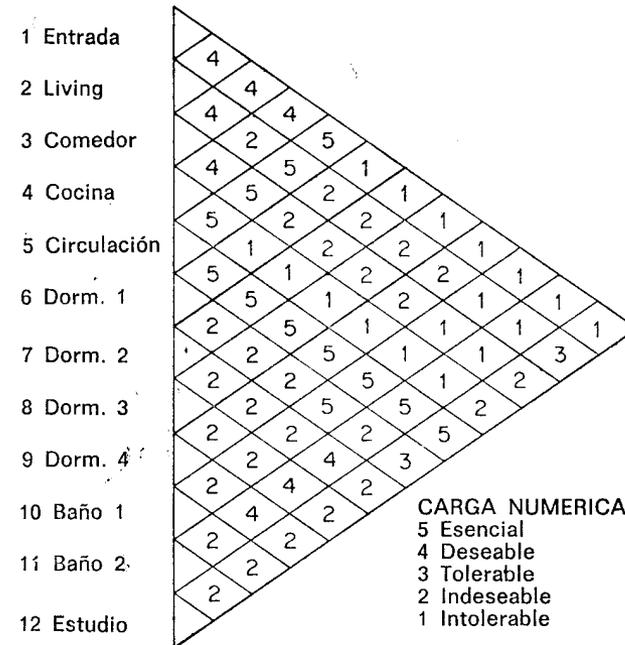


Figura 13.3. Diagrama de interacciones simples con las conexiones entre habitaciones. Estos diagramas no suelen indicar lo que implican las conexiones. En este caso se refiere a la facilidad de movimientos entre habitaciones y la codificación numérica es susceptible de análisis por computador.

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

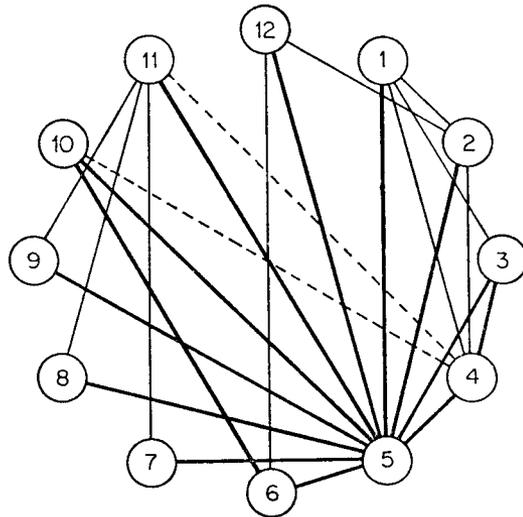
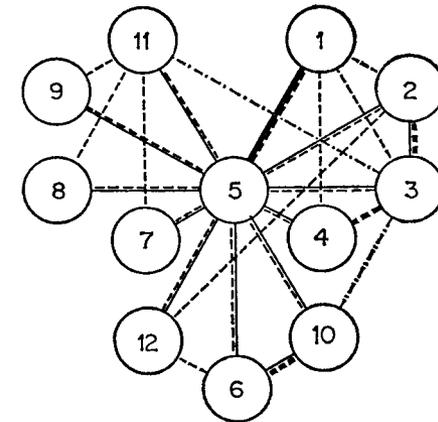


Figura 13.4. Diagrama de conexões deducido del 13.3. Se han representado con líneas de grosor apropiado todas las ligazones de fuerza 3 (tolerable) y superiores. Estos diagramas pueden utilizar información procedente de varios mapas de interacciones; en este caso, las líneas de puntos indican que ciertas habitaciones (4-10 y 4-11) se conectan por sus necesidades comunes de servicios (agua y desechos).



Código de conexiones
Ambientales (visuales + acústicas)
Funcionales (comunicaciones)
Funcionales (servicios comunes)

Figura 13.7. Combinación y distorsión topológicas de diagramas de conexiones, basadas en 13.6. Se representa primero el espacio más conectado (5: circulación), a continuación las habitaciones que mantienen con éste fuertes relaciones de proximidad y así sucesivamente. Una vez representadas todas las habitaciones, se pueden introducir conexiones procedentes de otros diagramas, por ejemplo, de 13.5.

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

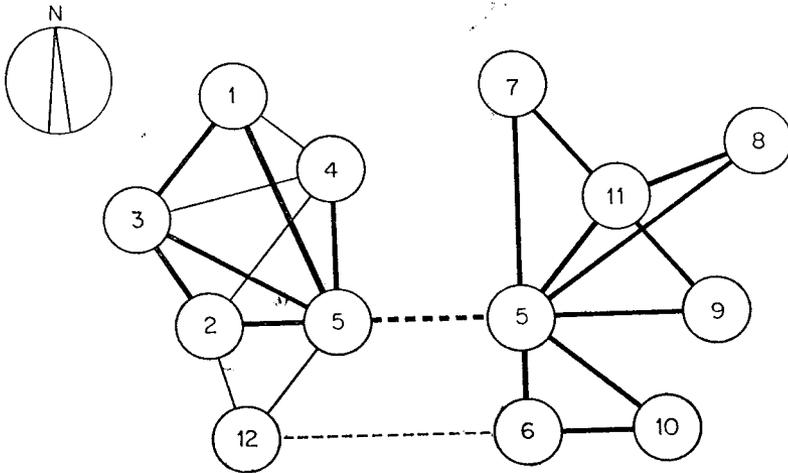


Figura 13.8. Nueva distorsión topológica de 13.7 al tenerse en cuenta, por ejemplo, la orientación: de los dormitorios al este donde sea posible (8, 9), del cuarto de estar al oeste (2), de la cocina (4) al norte, etc. Se ha decidido además dividir la casa en dos niveles, unidos por la circulación (6). Tal vez sea preciso romper un vínculo funcional: entre el dormitorio (6) y el estudio (12).

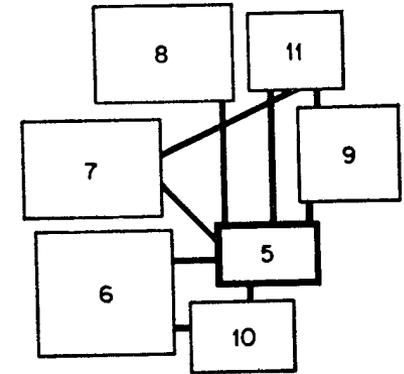
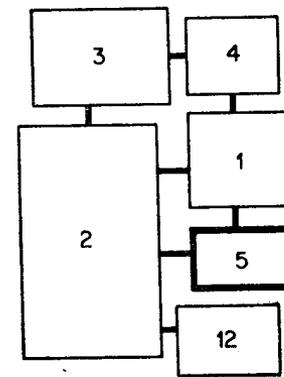
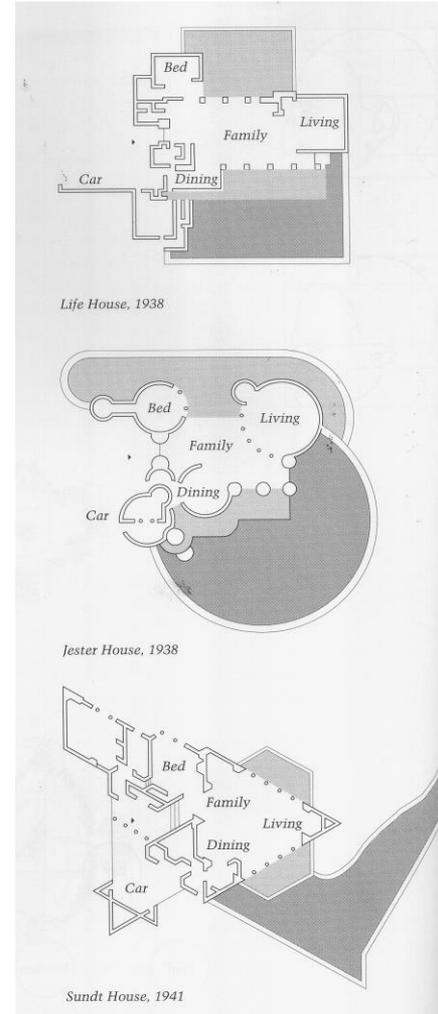
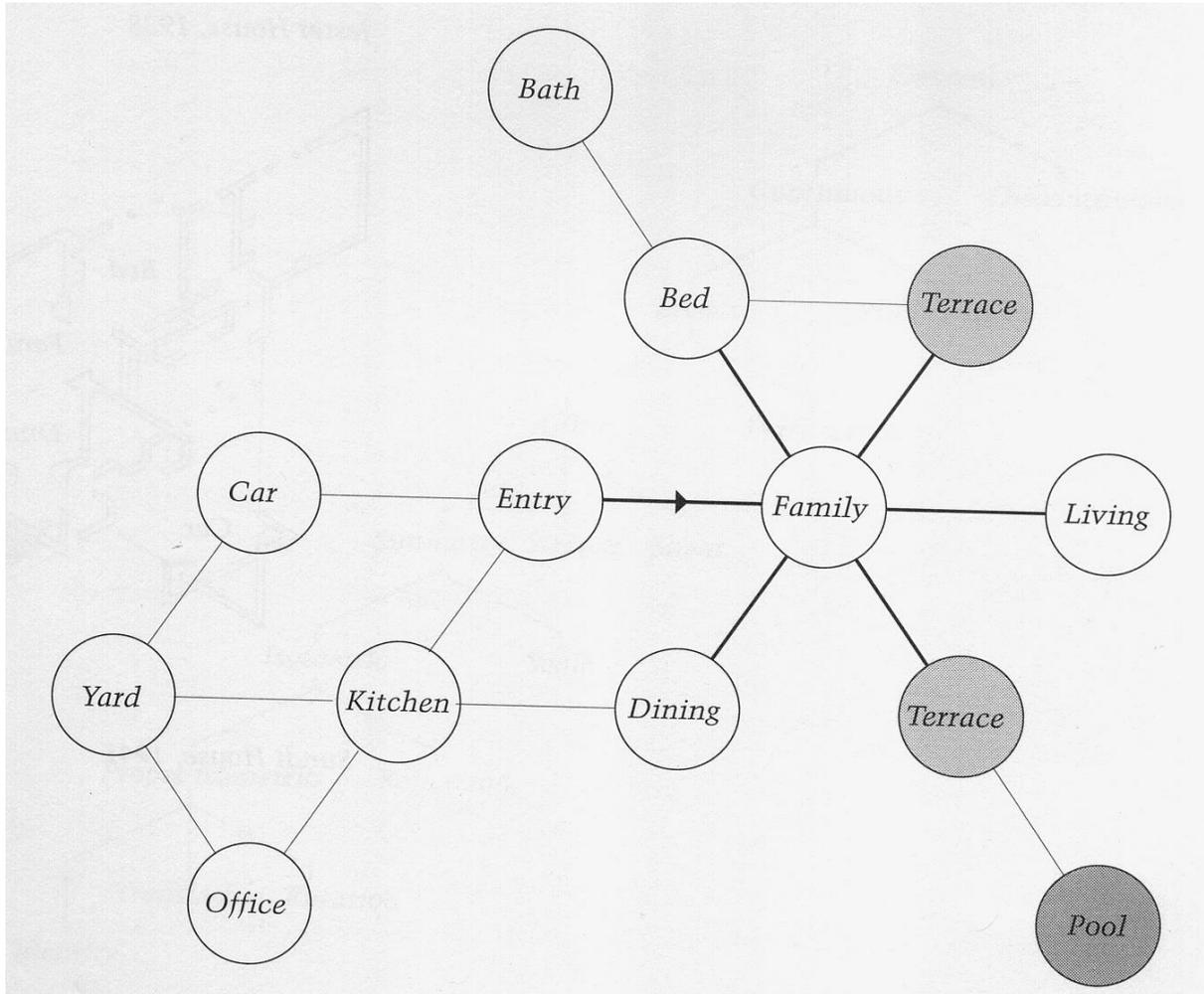


Figura 13.9. Nueva distorsión topológica de 13.7 para tener en cuenta los tamaños de las habitaciones. Esto exige elementos separadores (muros) que posibilitem una planta manejable.

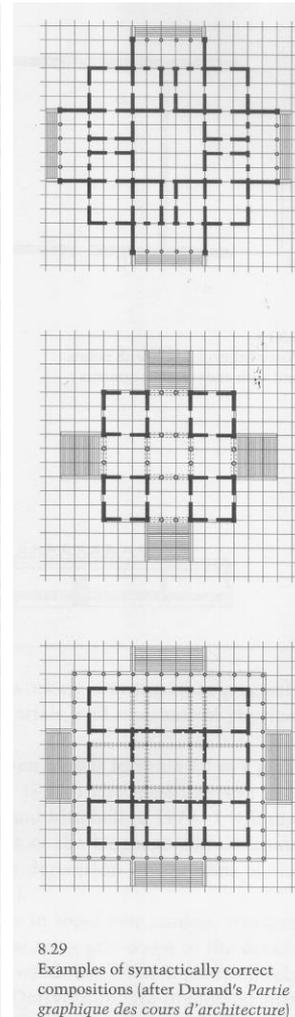
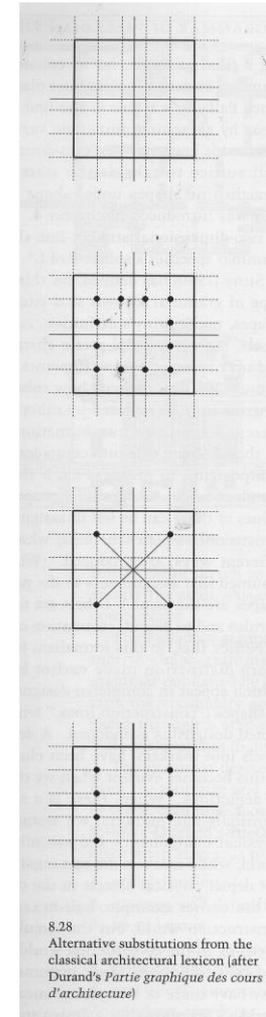
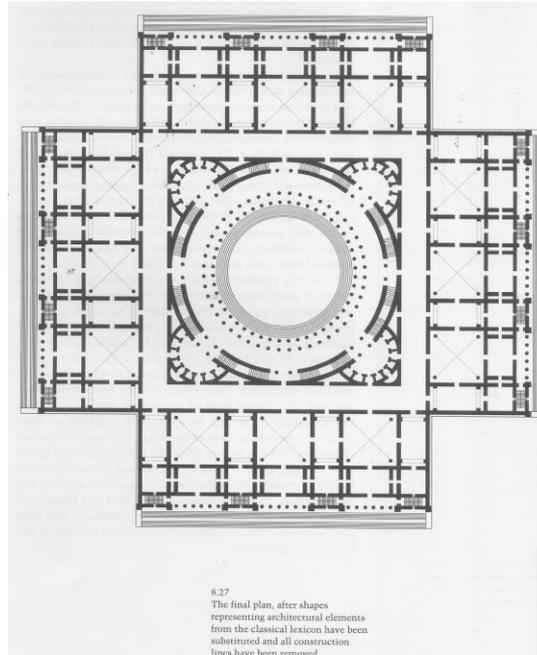
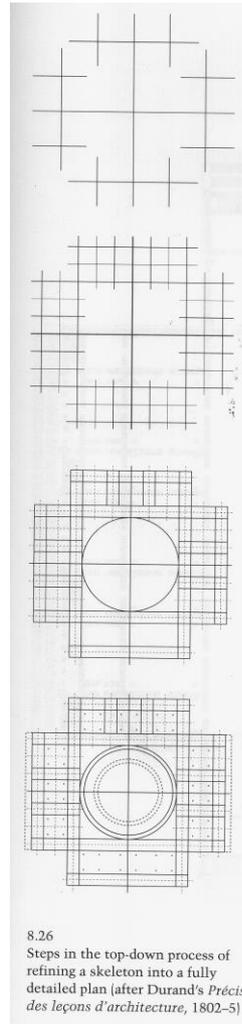
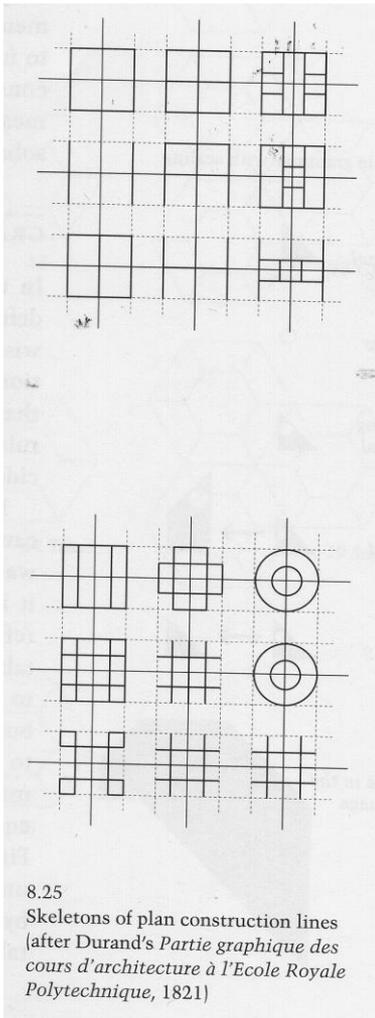
Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



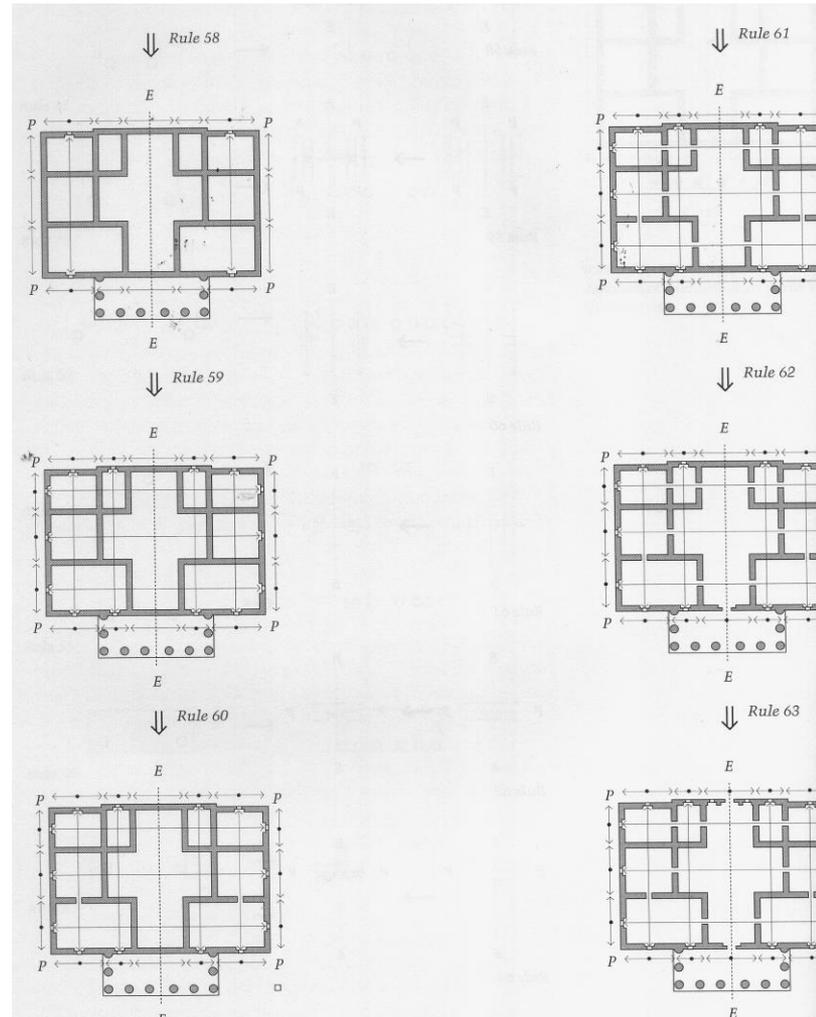
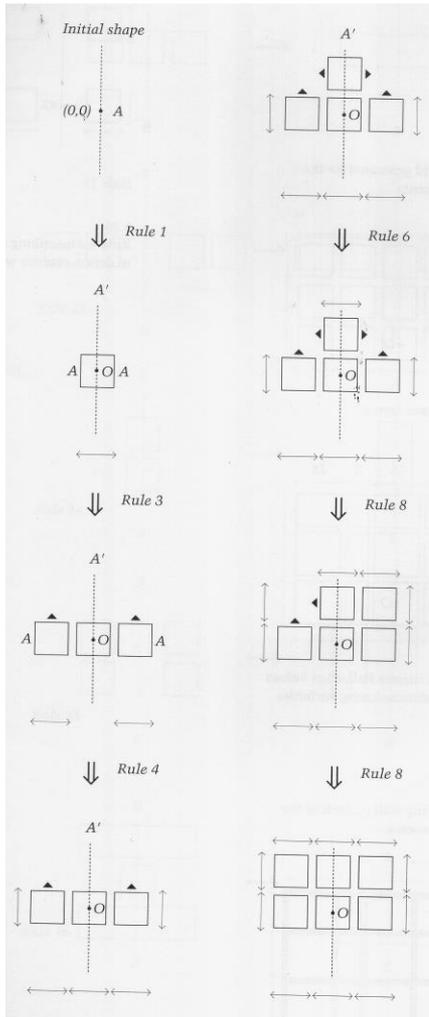
Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



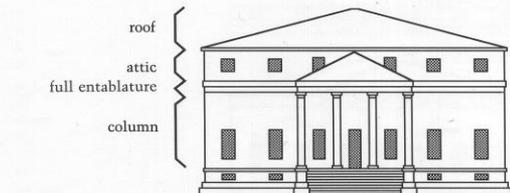
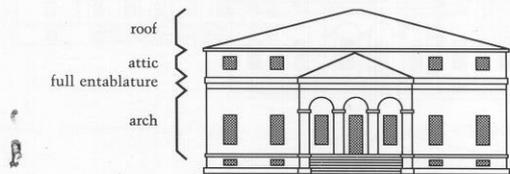
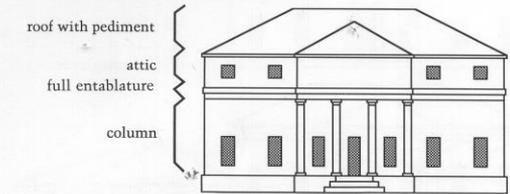
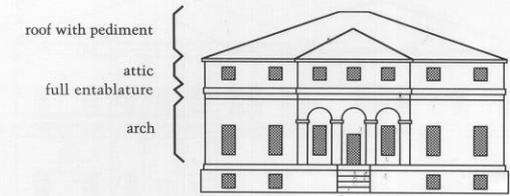
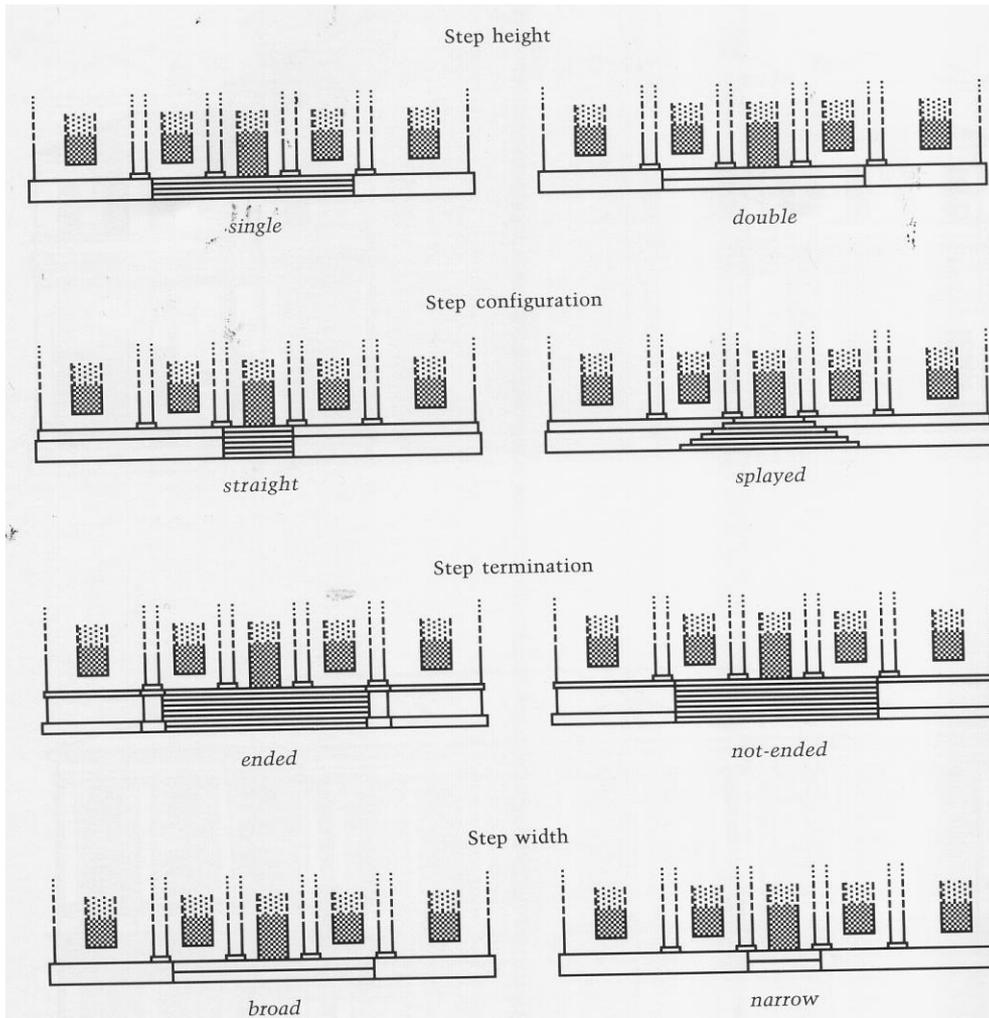
Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



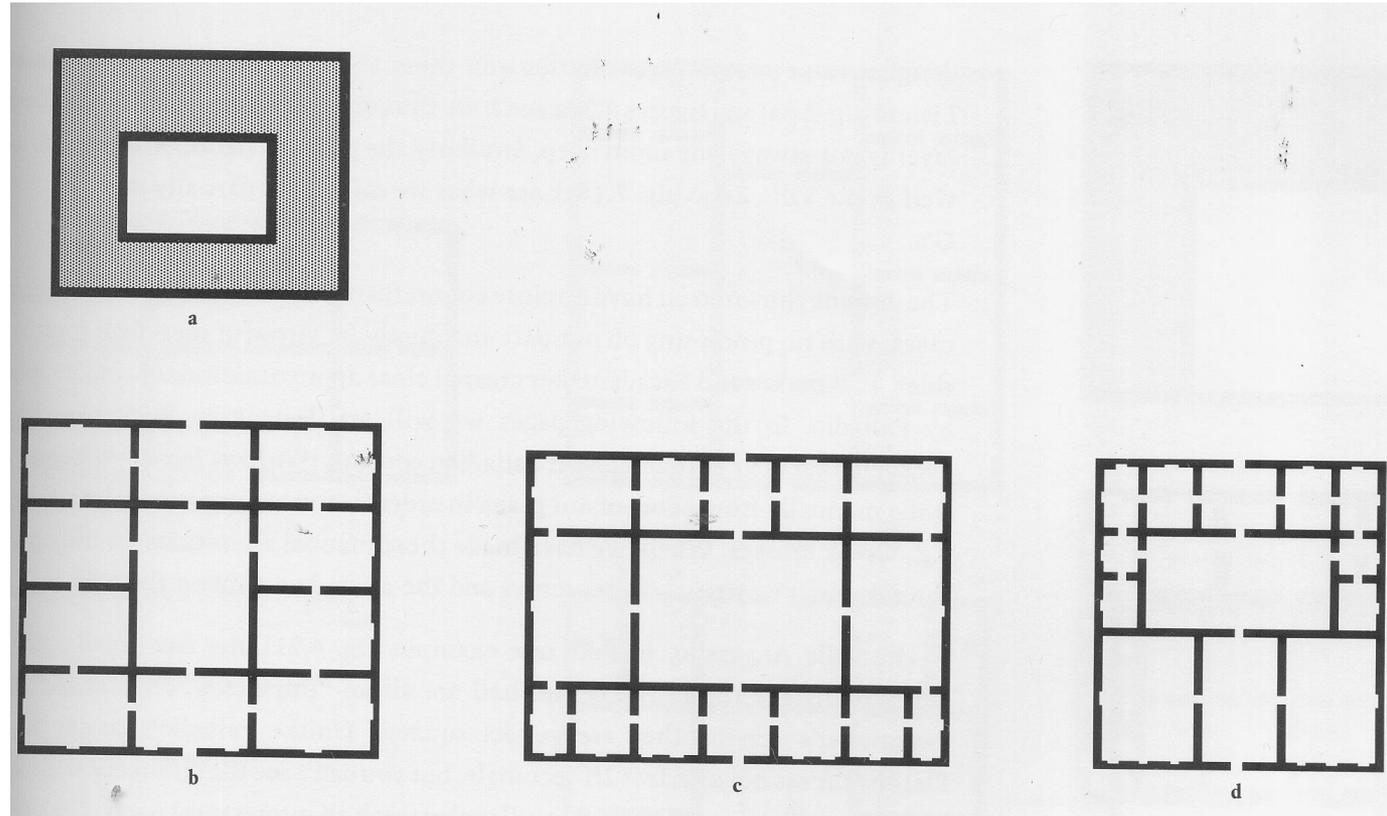
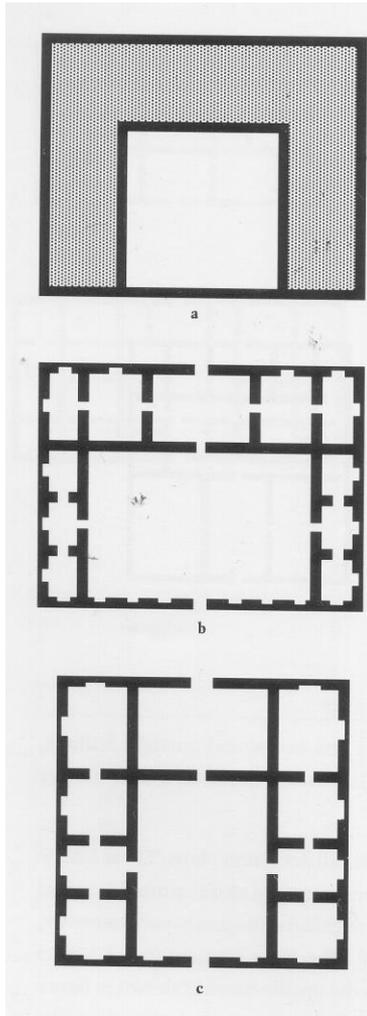
Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



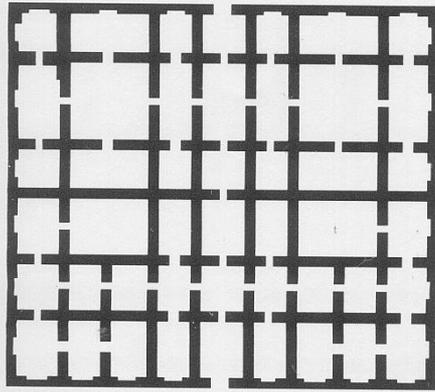
Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística

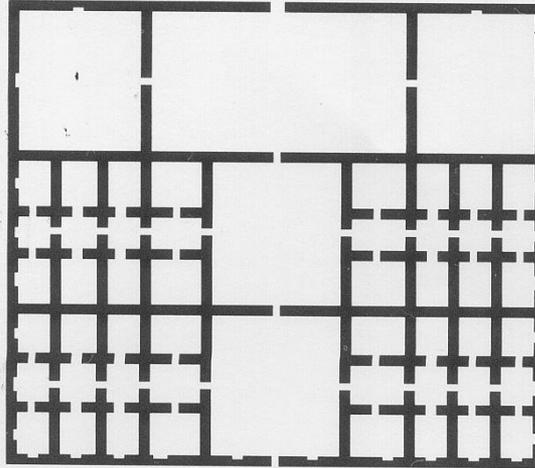


Linguagem, Mensagem, Matéria

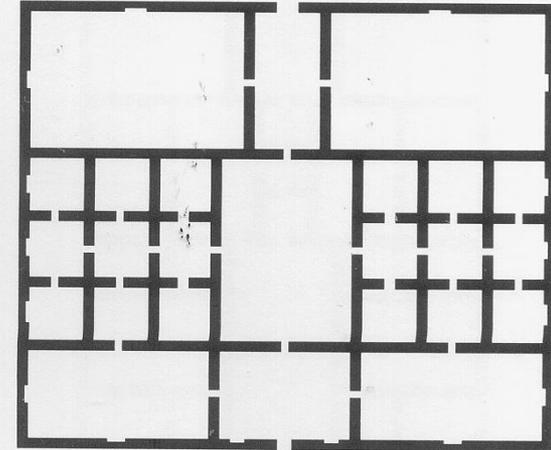
A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



a



b

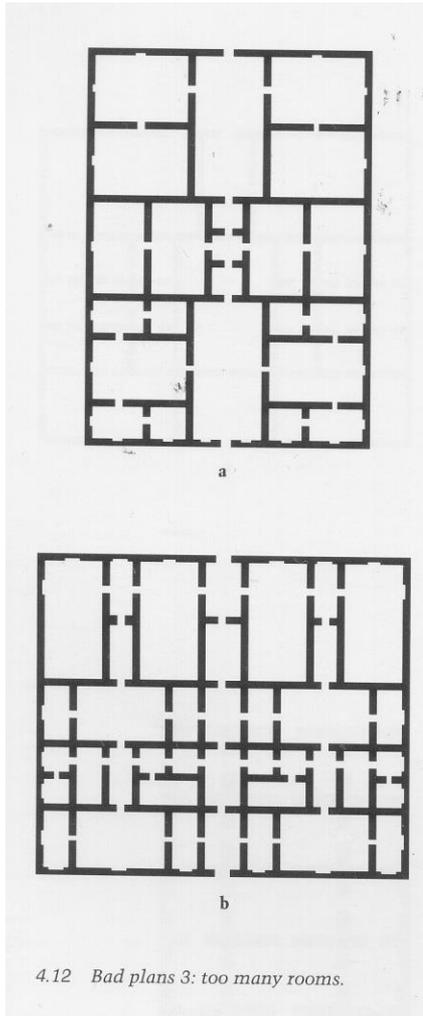


c

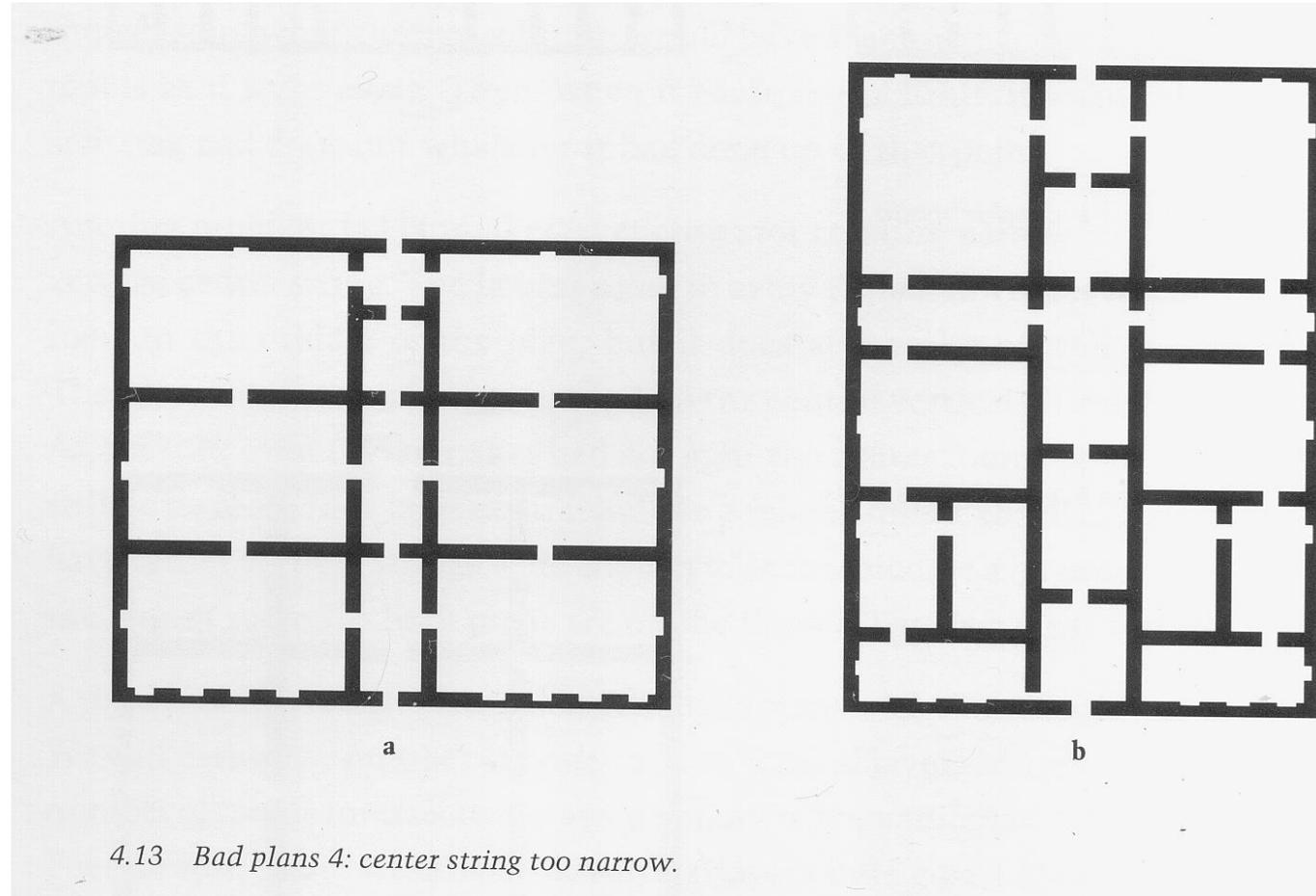
4.10 *Bad plans 1: checkerboards.*

Linguagem, Mensagem, Matéria

A Teoria da Arquitectura e o uso social da formalização linguística



4.12 Bad plans 3: too many rooms.



4.13 Bad plans 4: center string too narrow.

Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

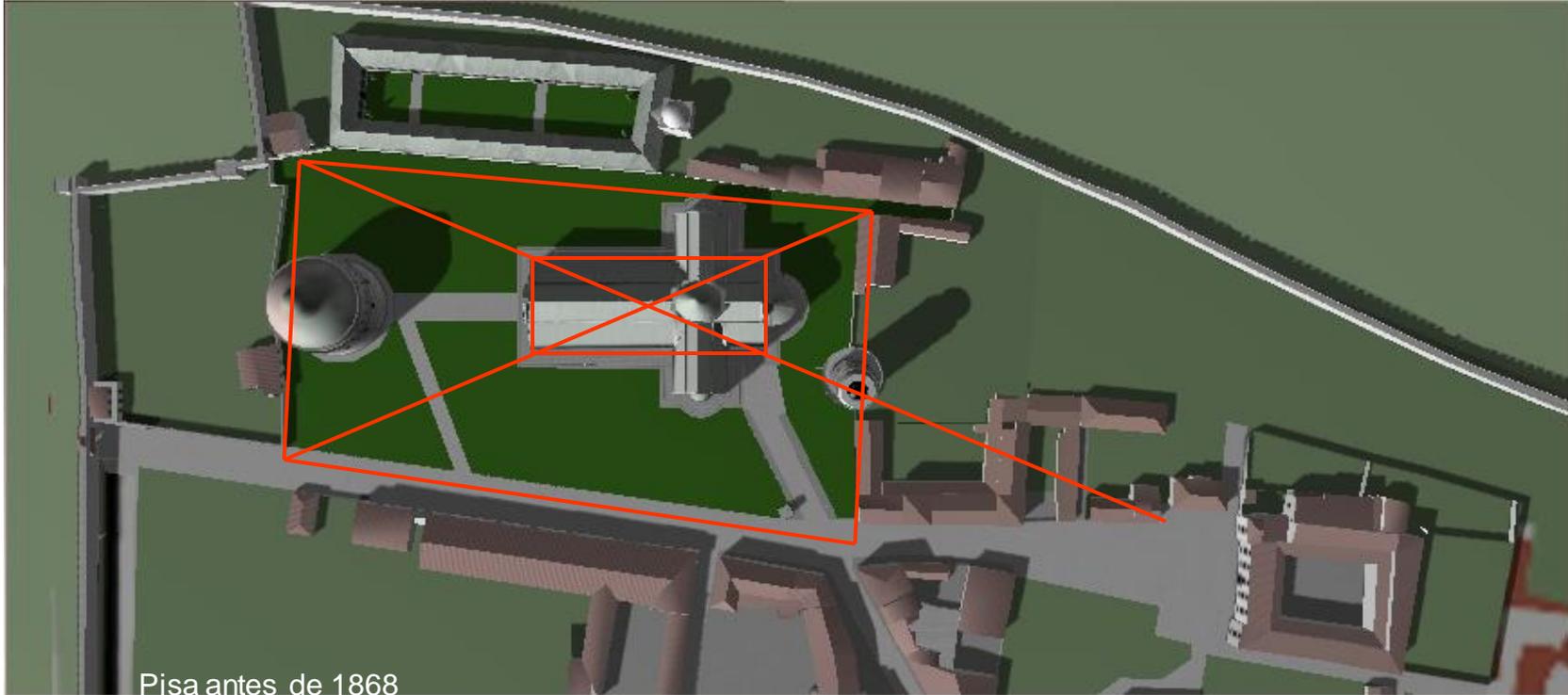
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

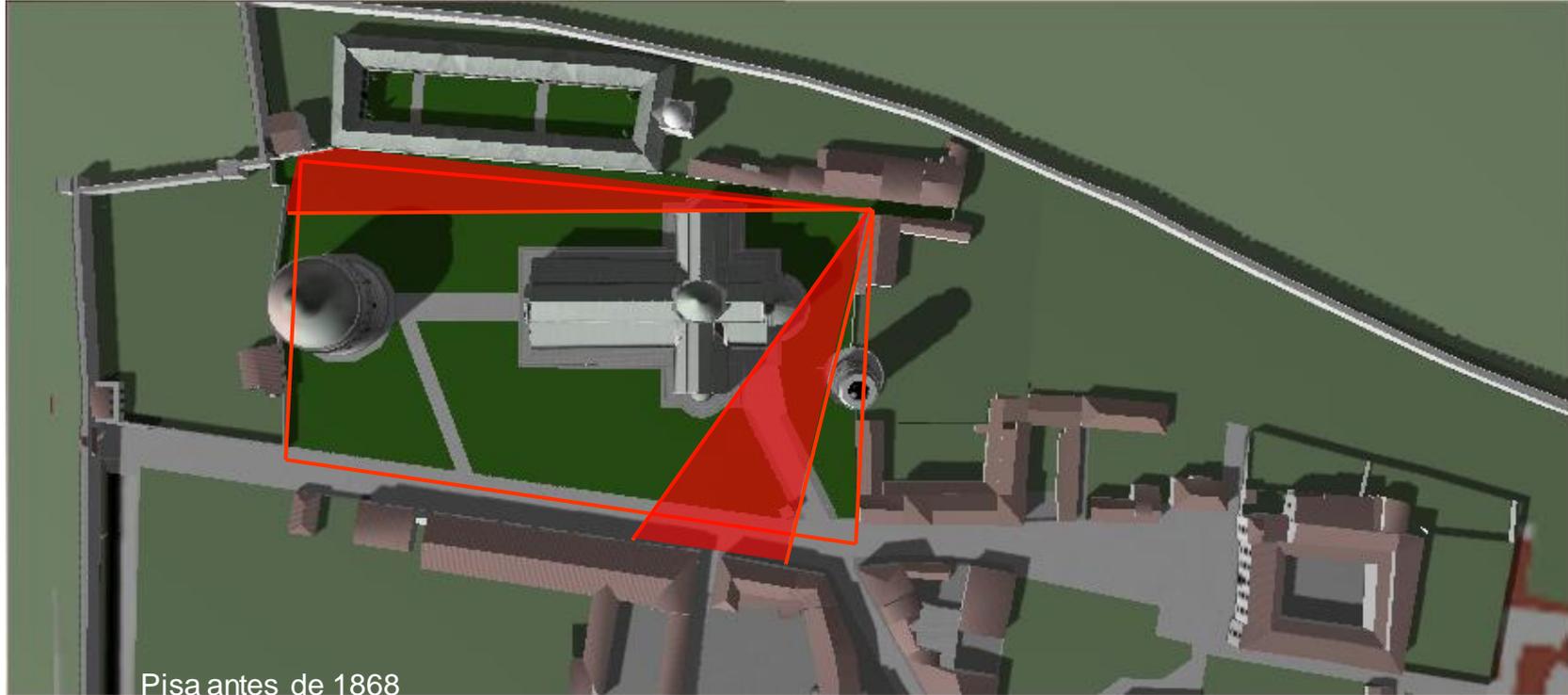
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

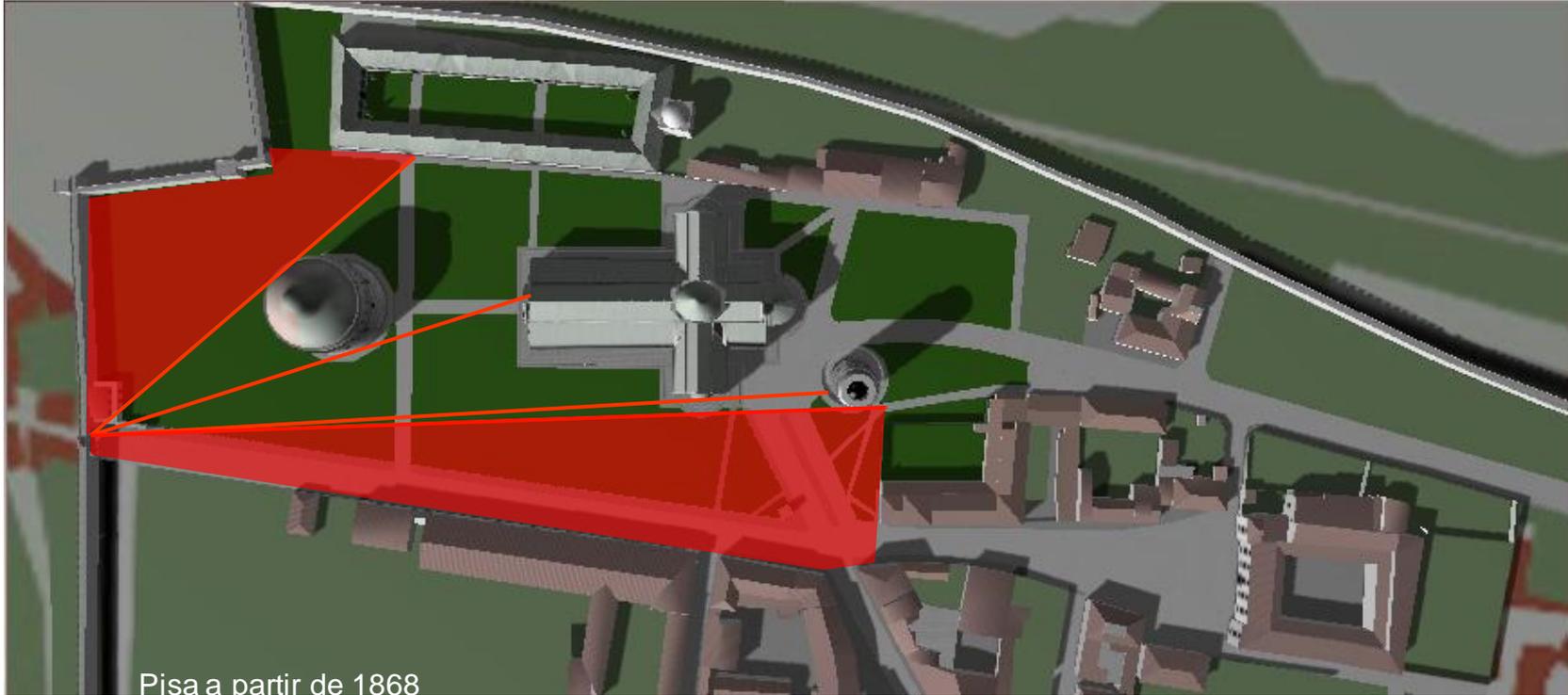
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

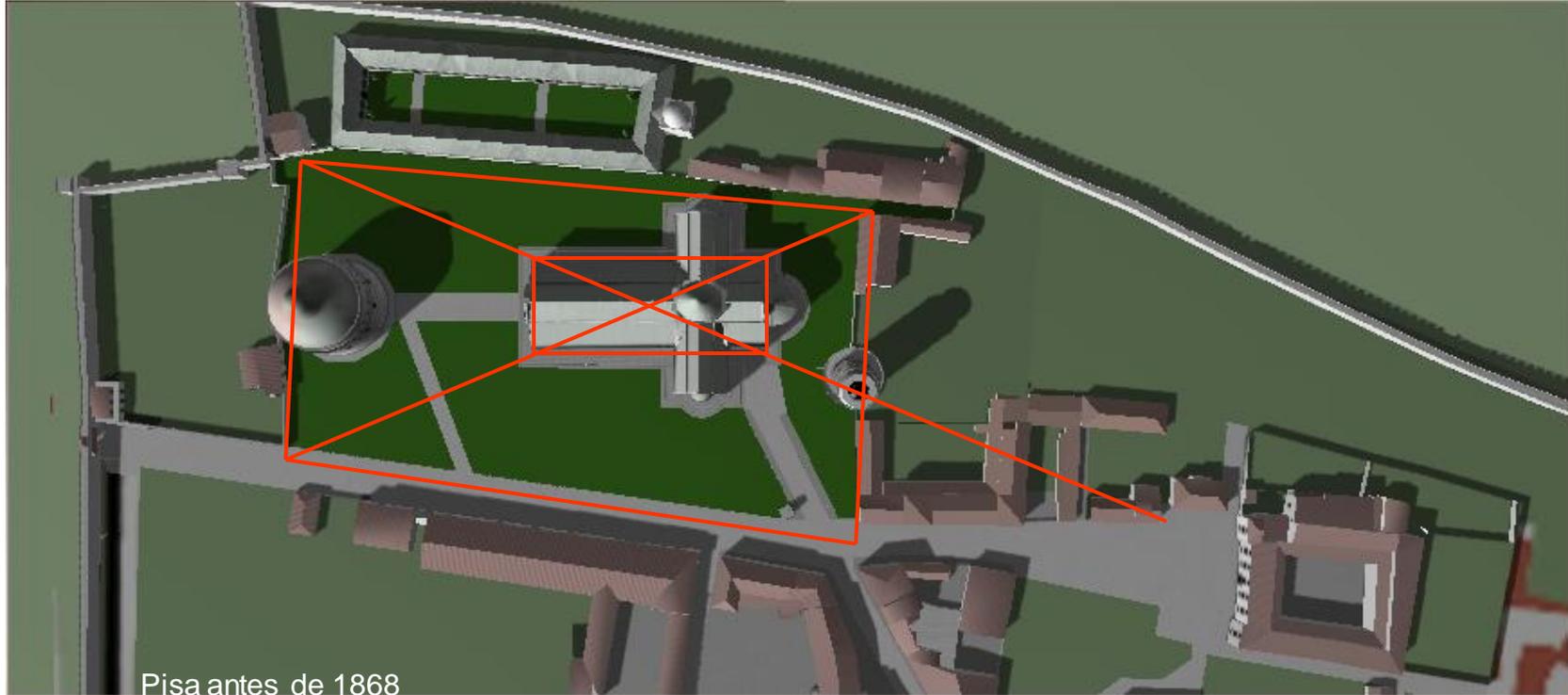
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

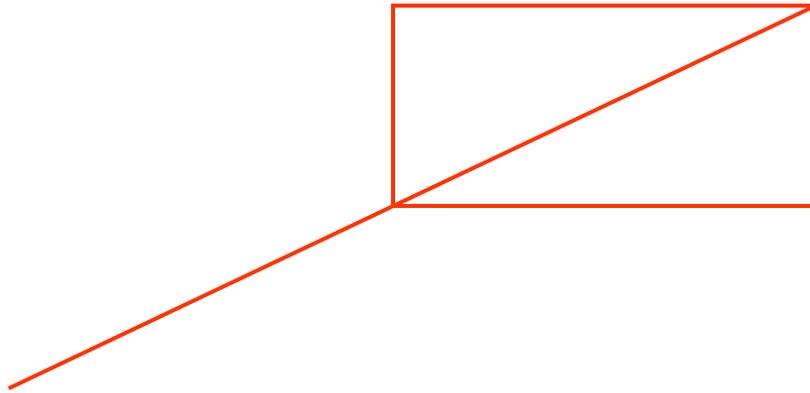
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

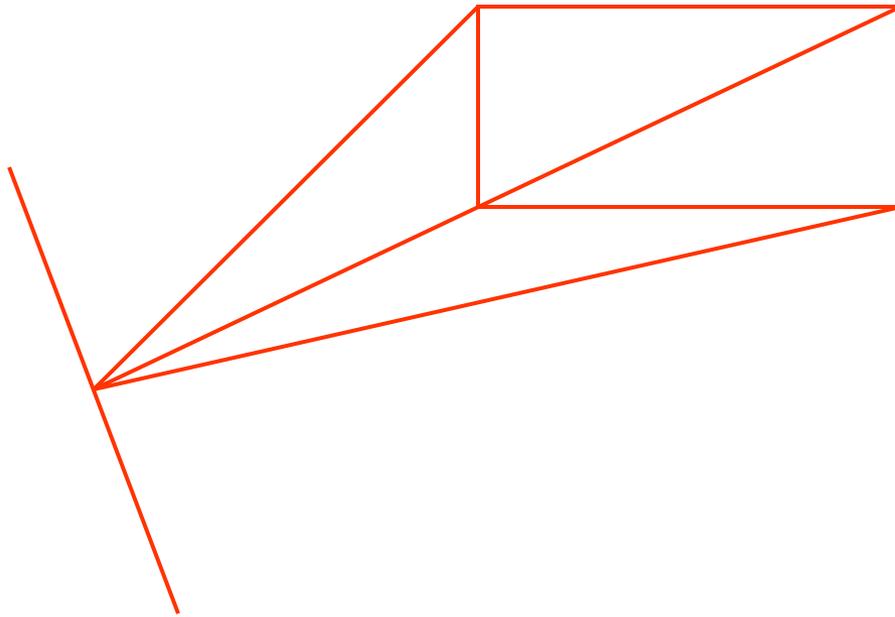
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

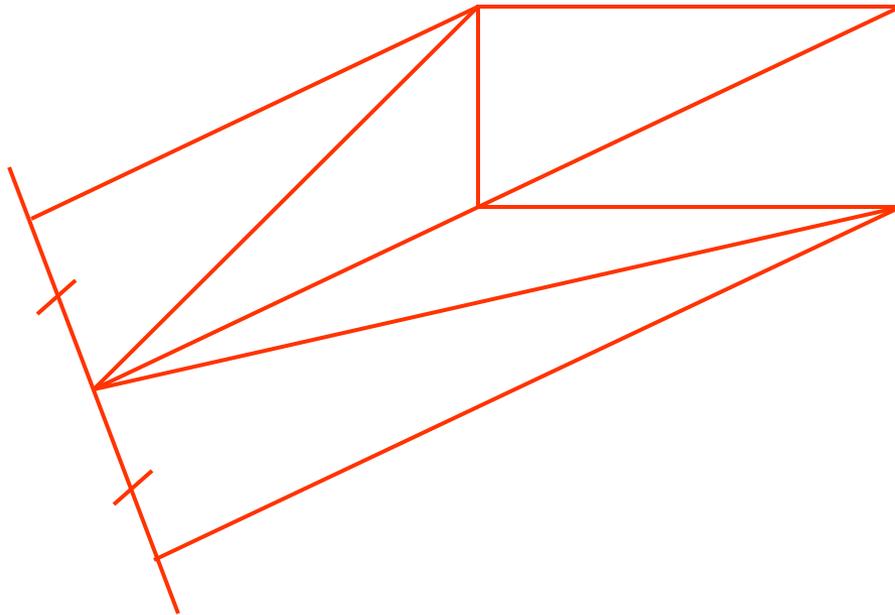
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

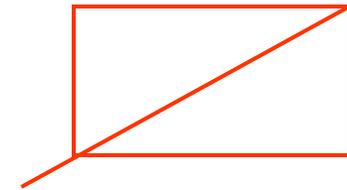
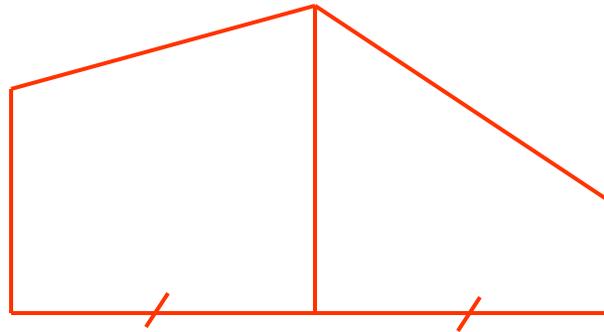
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

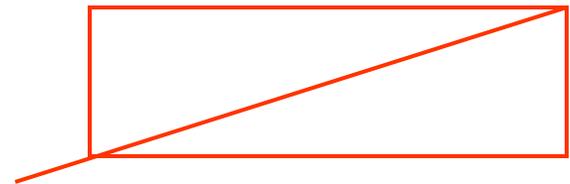
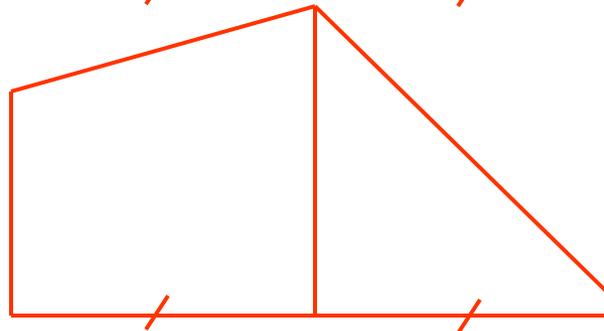
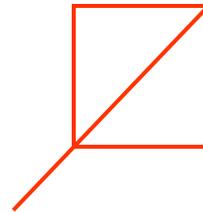
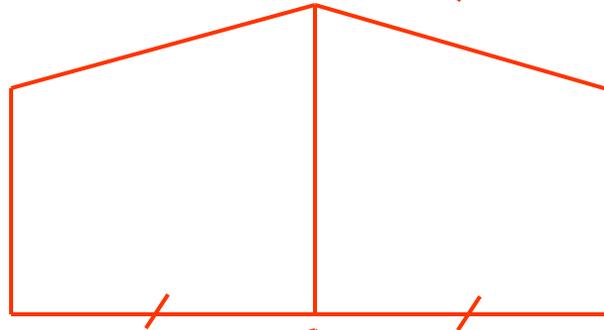
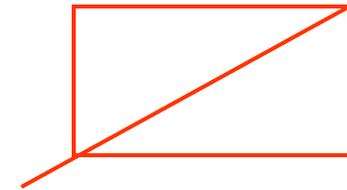
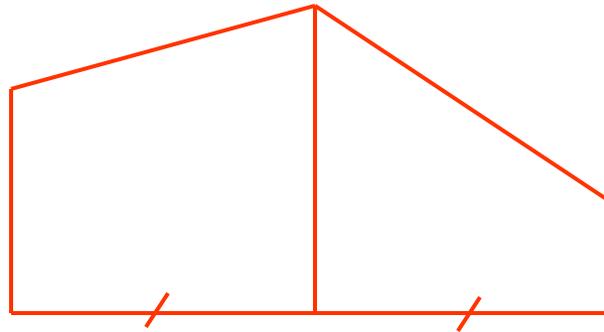
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

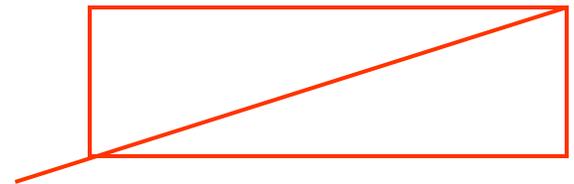
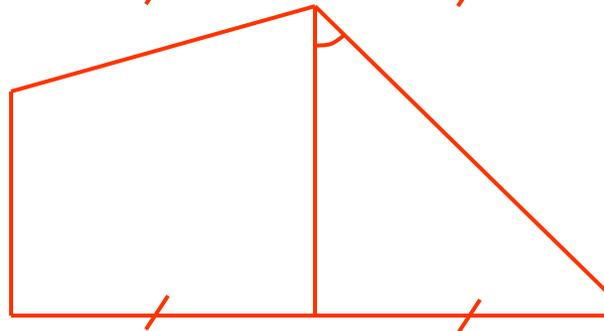
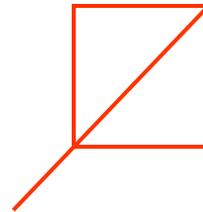
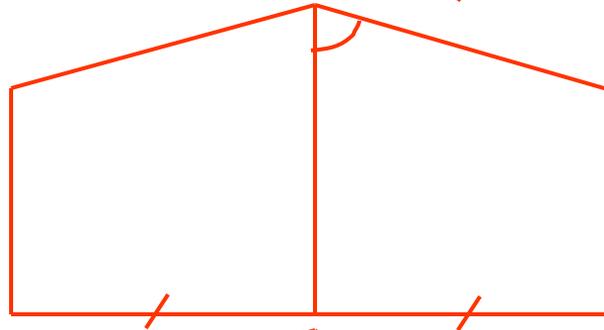
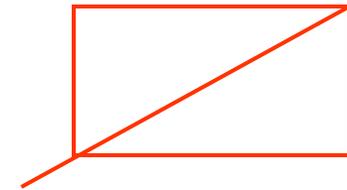
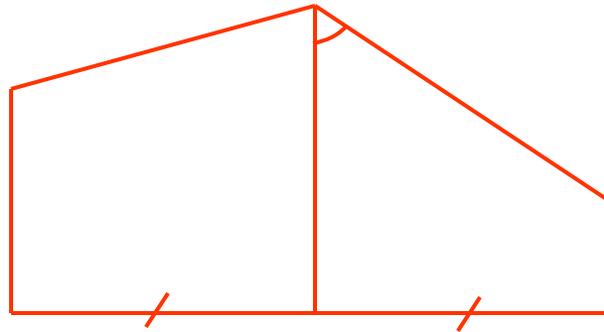
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

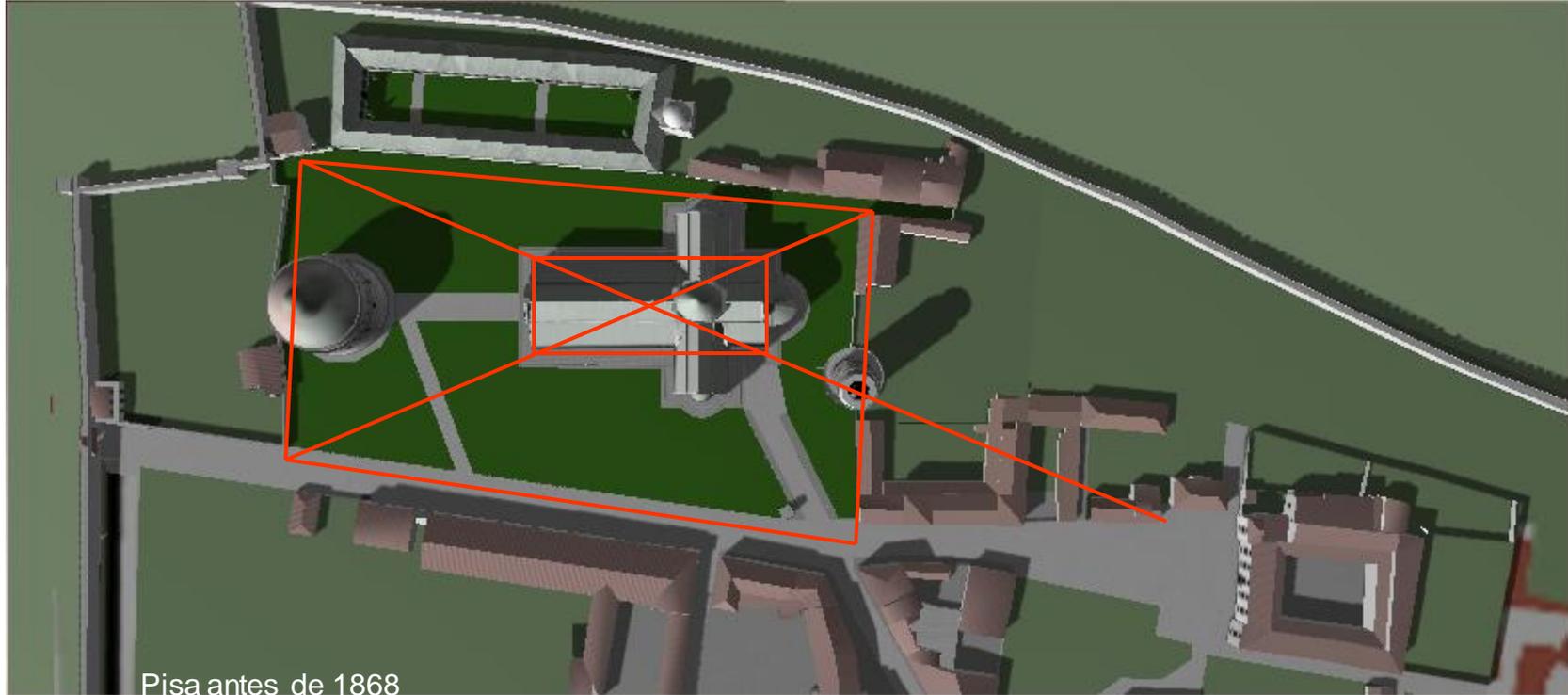
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

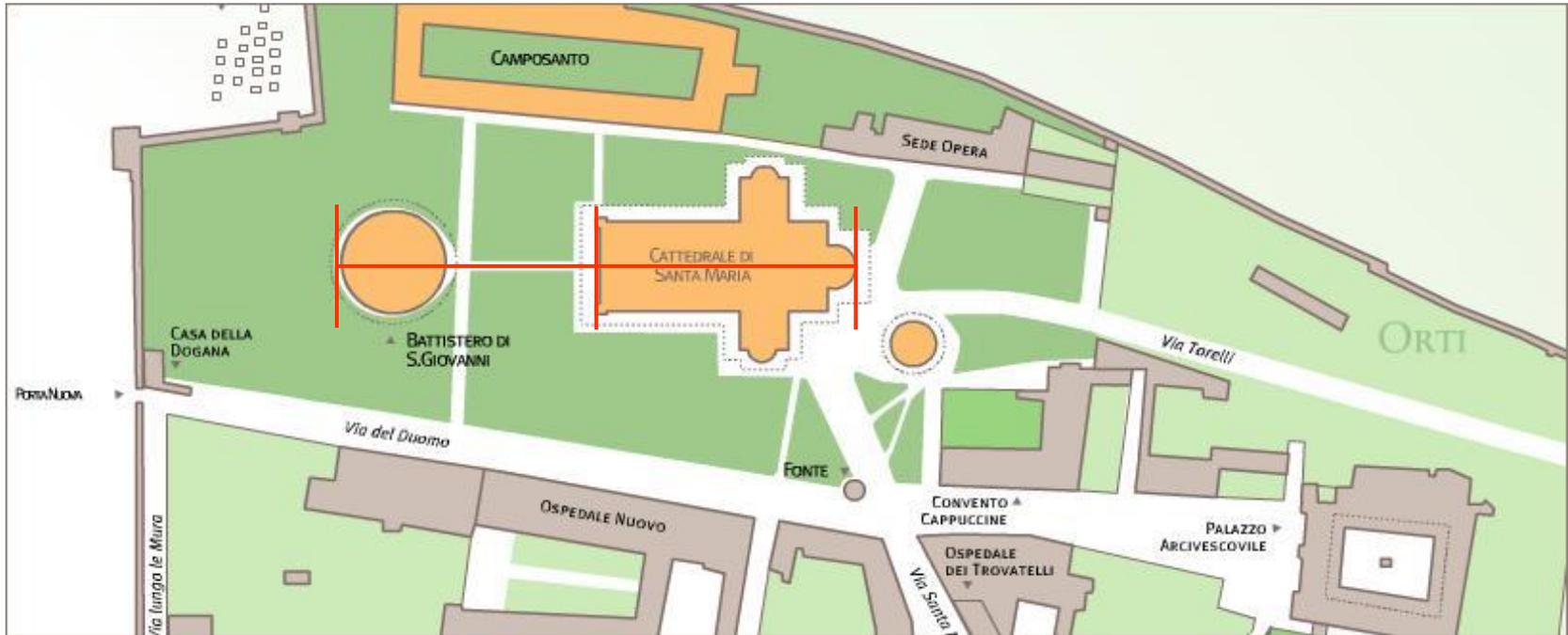
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

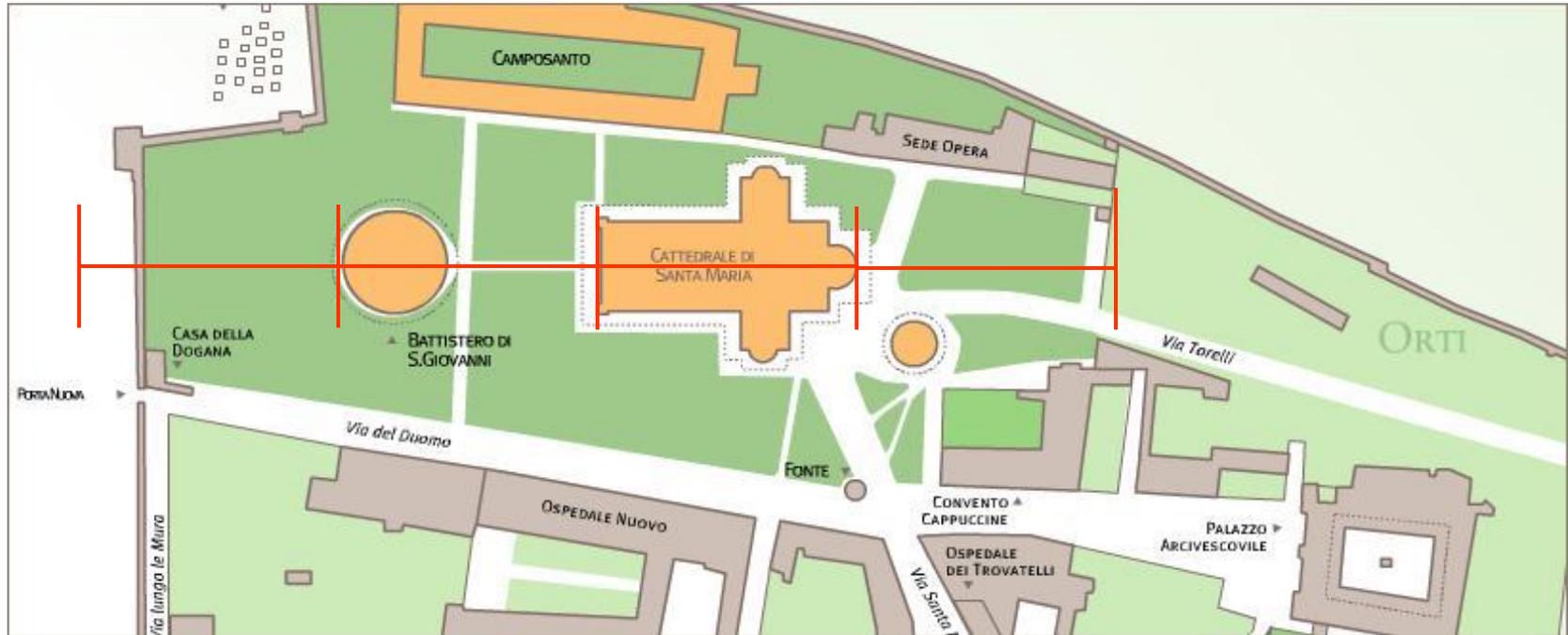
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

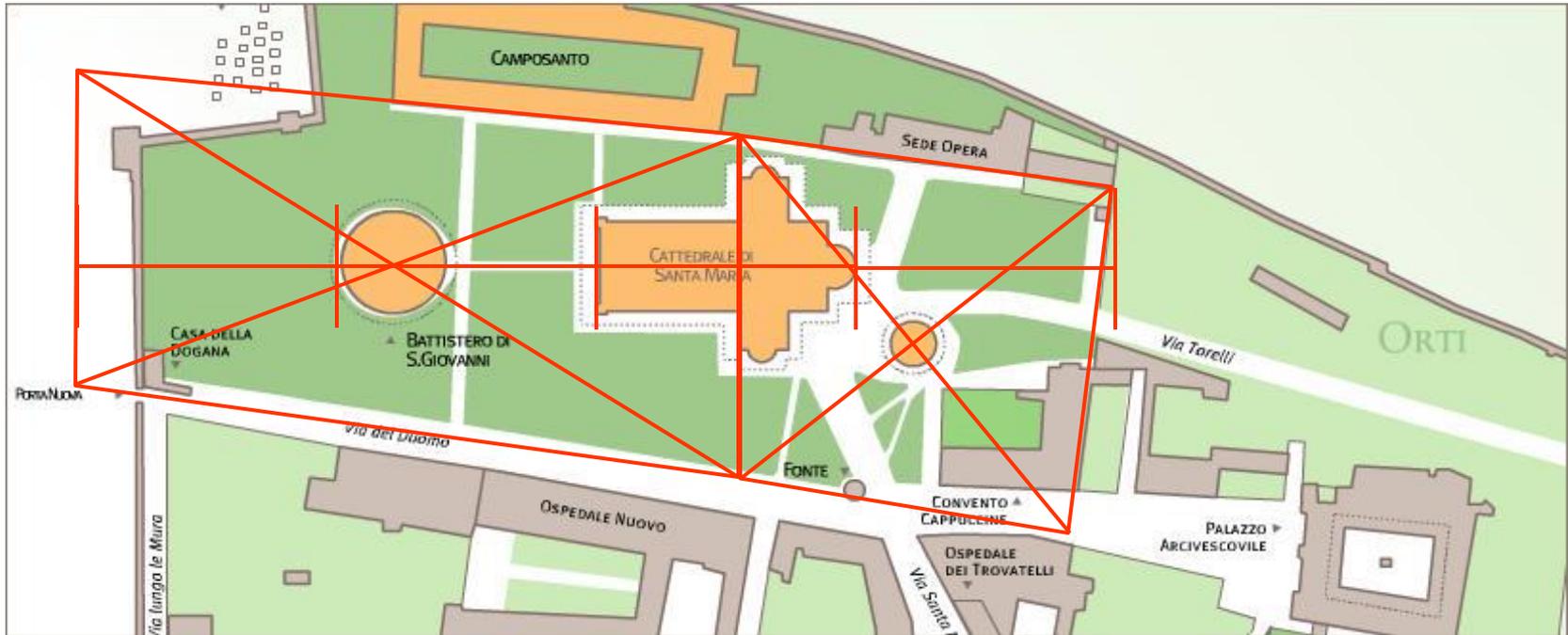
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

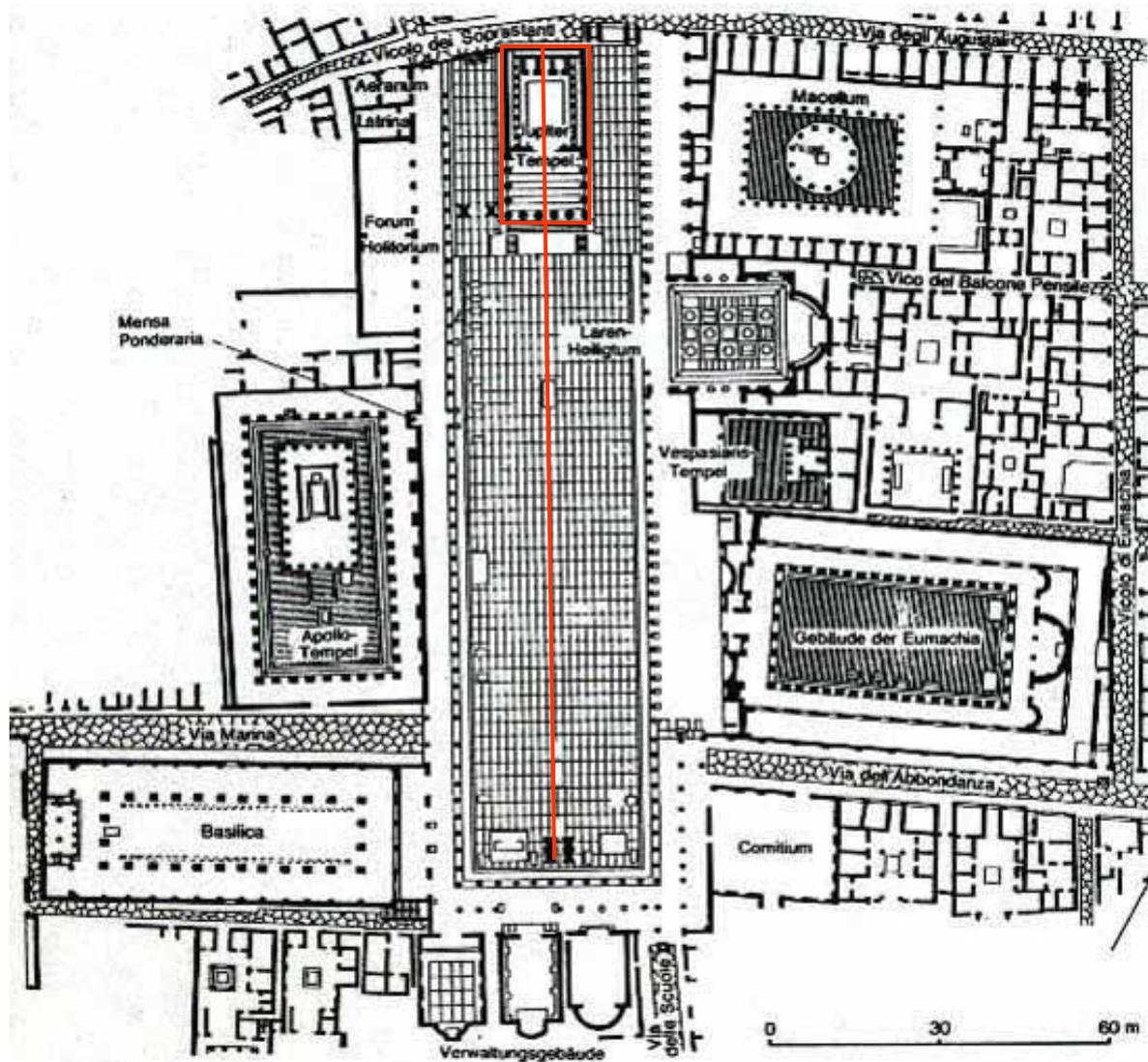
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

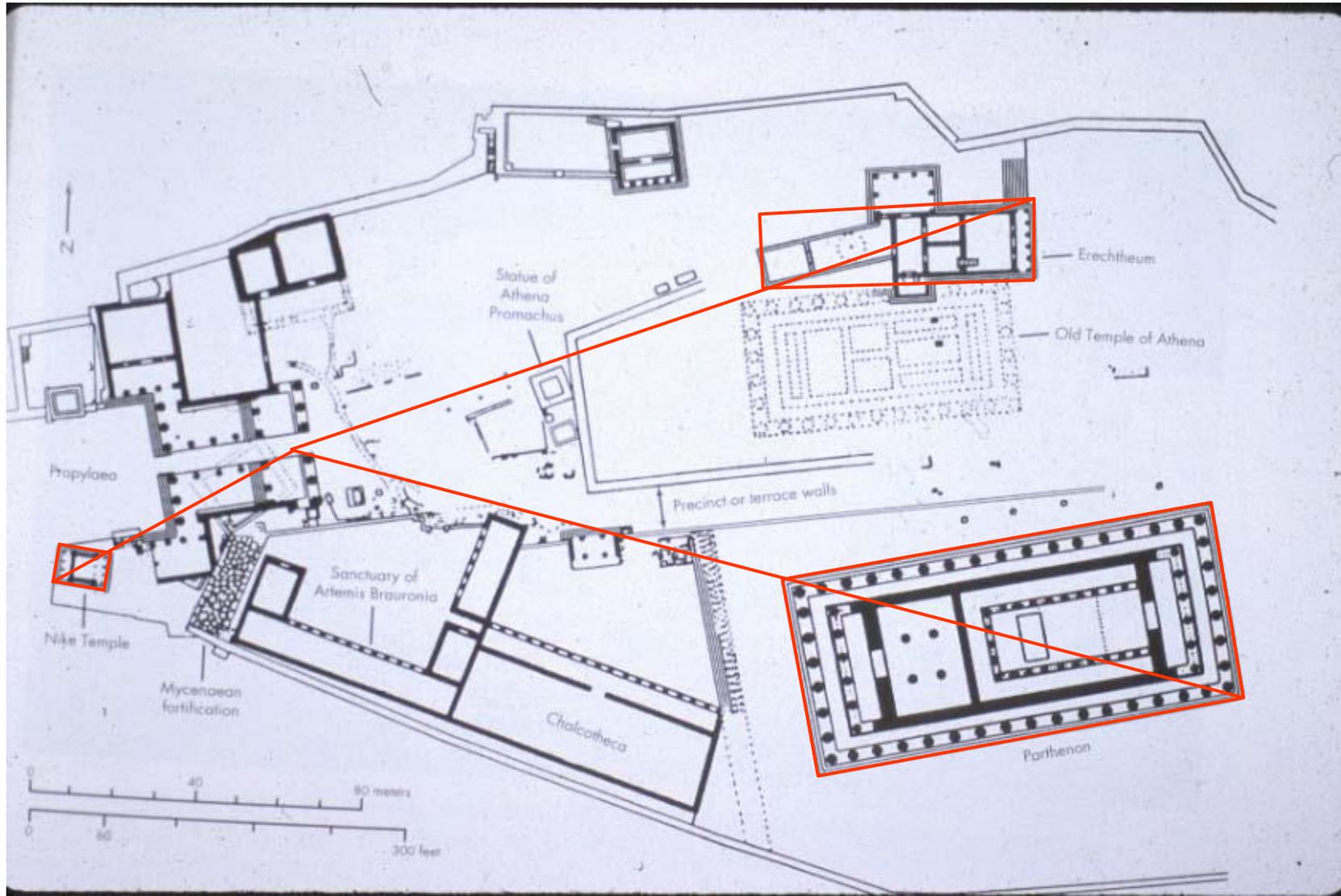
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

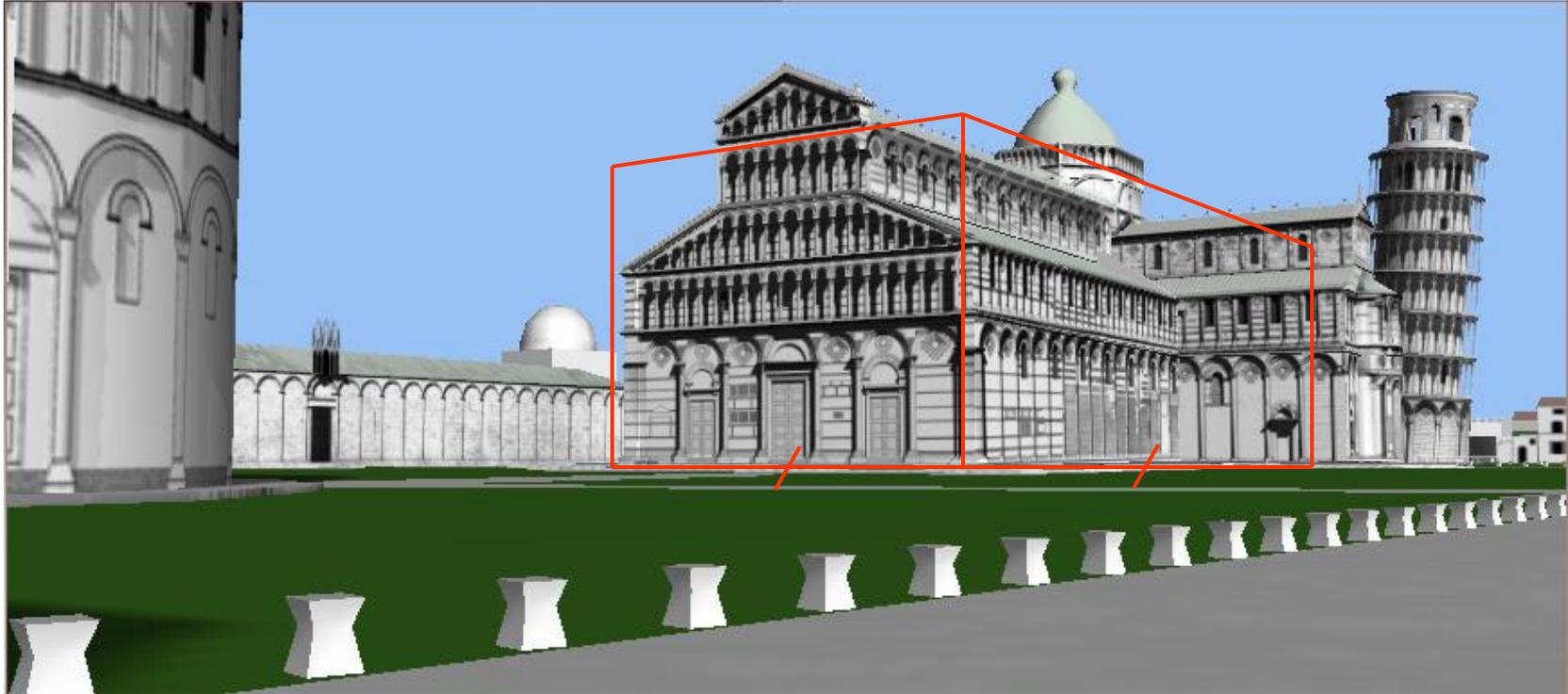
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

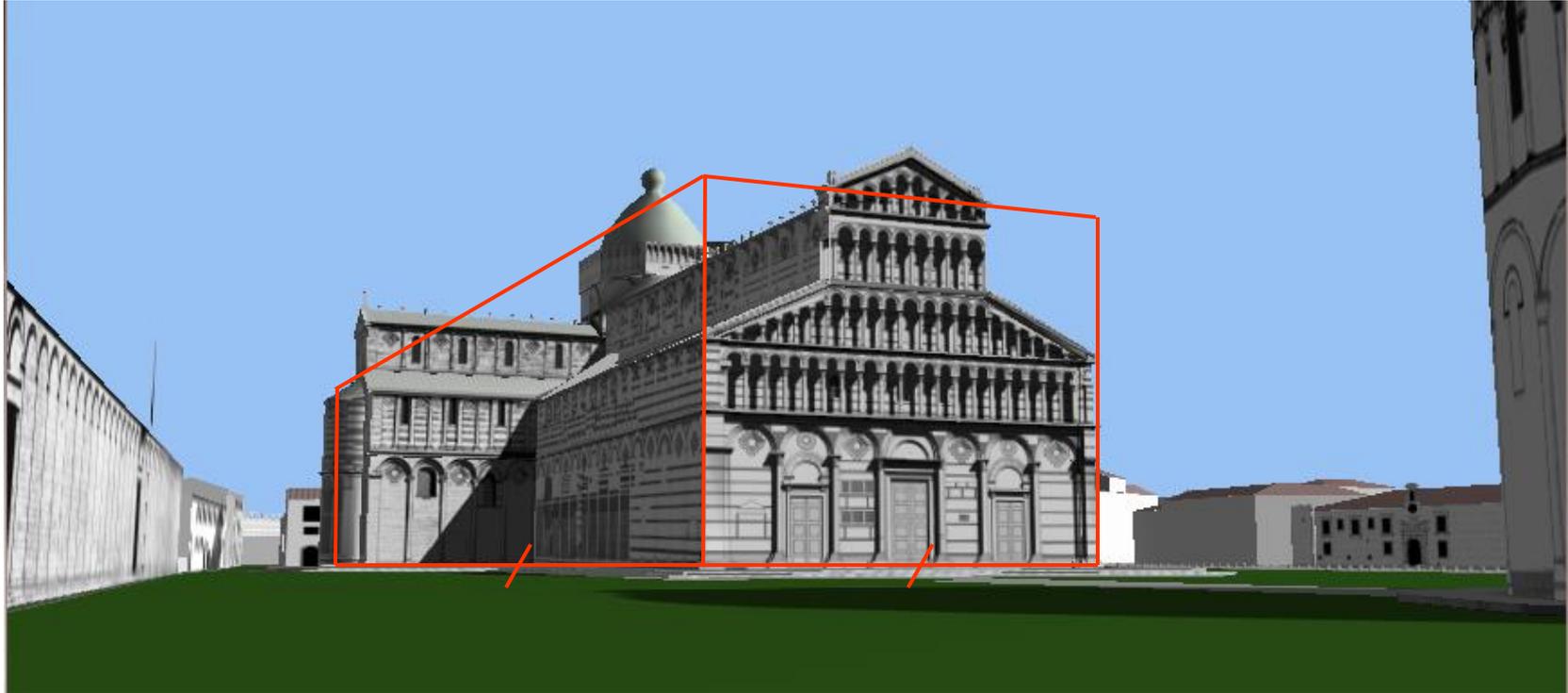
Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura



Prolegómenos

a Toda a Teoria da Arquitectura Futura

Teoria da Teoria da Arquitectura

“O princípio de organização do pensamento constitui, de facto, o verdadeiro «conteúdo» da obra.

Princípio materializado pelo conjunto dos estímulos sócio-fisiológicos cuja forma é meio de manifestação.

Ninguém dirá que o conteúdo-substância do jornal, é a comunicação do pacto Kellog, o escândalo da «Gazette du Franc» ou a notícia do dia a dia, contando como um marido bêbedo matou à martelada a mulher, num baldio.

O conteúdo-substância do jornal, é o princípio da organização e da apresentação da matéria que ele contém dirigida para uma cultura de classe do leitor.

Nisso reside a inseparabilidade, tecnicamente fundada, do conteúdo-forma e da ideologia.

Aí reside o abismo entre o conteúdo dum jornal proletário e dum jornal burguês, dispondo do mesmo «conteúdo» de factos.

Isto acontece não só na prática jornalística, mas também em todas as coisas, começando pelas formas das obras de arte e acabando nas formas sociais da existência.”

Sergei Eisenstein,
“Perspectivas”, em “Da Revolução à Arte, da Arte à Revolução”,
Editorial Presença, Porto, 1974, pags. 44-45